



Departamento de Humanidades

**Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa:
Investigação e Ensino**

**A Crónica no Panorama Literário Cultural Cabo-verdiano: da Crítica Social a uma
Preocupação Humanitária
Salústio e Medina: dois casos paradigmáticos**

Guilherme Delgado Oliveira

Lisboa, 27 de abril de 14

Mestrado em Estudos da Língua Portuguesa: Investigação e Ensino

**A crónica no panorama literário cultural cabo-verdiano: da crítica social à
Preocupação humanitária**

Salústio e Medina: dois casos paradigmáticos

Guilherme Delgado Oliveira (estudante nº 1102784)

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Estudos de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino

Orientadora:

Doutora Isabel Roboredo Seara

Lisboa, 27 de abril de 14

2014



Declaro que esta dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa,de de

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

A orientadora,

Lisboa, de de

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por me ter dado o discernimento suficiente para que o meu sonho se efetivasse, o de continuar esta caminhada com vigor e motivação suficientes.

Agradeço, em segundo lugar, à minha professora, Doutora Isabel Roboredo Seara, pela clarividência e competência evidenciadas na orientação deste meu trabalho, a quem recomendo qualquer mestrando.

Agradeço a toda família, mãe, pai, avó e irmãos, por ter acreditado em mim e ter-me disponibilizado o amor suficiente para que levasse este empreendimento a bom porto.

Agradeço à minha mulher pela atenção que lhe roubei em proveito das leituras para esta investigação.

Agradeço, por último, ao atual Diretor da Escola Secundária Olavo Moniz, Manuel Portugal, por me ter indicado o curso e a instituição onde materializo o meu sonho e à colega Alécia Brígida Fidalga pela disponibilidade demonstrada em me informar sobre questões relacionadas à vida burocrática da instituição onde estudo.

RESUMO

Esta dissertação visou compreender o carácter temático e discursivo de algumas crónicas literárias de dois autores cabo-verdianos, Dina Salústio e Daniel Medina, e provar o carácter pedagógico e humanitário das composições. Fez-se, num primeiro momento, um estudo de conteúdos teóricos sobre a cronística portuguesa, visando recensear aspetos relacionados com a evolução do género ao longo dos tempos, desde a Idade Média até à Contemporaneidade, sempre numa perspetiva pragmática, e discutiram-se as características enformadoras do género, sendo assinaláveis a subjetividade, versatilidade, objetividade, estilo entre o oral e o literário, quotidianidade e dialogismo. De seguida, em termos metodológicos, optou-se por convocar *o ethos* de Amossy e Maingueneau para o estudo das composições. Num segundo momento, através de dez crónicas literárias cabo-verdianas, sendo cinco de cada autor, procedeu-se à análise crítica das quais se confirmou, a partir da análise temática, uma preocupação pedagógica e humanitária uma vez que se notou uma certa inquietação com problemas que envolvem a idiosincrasia do homem cabo-verdiano, como a perda de valores em termos educacionais e instrucionais, quer no seio familiar como escolar, a preocupação com os mais desfavorecidos materialmente, onde se destacam crianças órfãs de pais vivos, o descaso com os doentes mentais e as crianças de rua, a gravidez precoce, a prostituição infantil, entre outros. O modo, como os cronistas se posicionam face à abordagem dos temas, permitiu-nos projetar o *ethos* discursivo de duas personalidades sensíveis, sérias e comprometidas com os valores mais nobres que enformam o ser humano. Do mesmo modo, pôde constatar como características relevantes das composições a subjetividade e pessoalidade discursivas, a brevidade, o diálogo no estilo indirecto livre, a quotidianidade e literariedade aliados a alguns recursos retóricos que nos permitiram apurar os tons sério e irónico do sujeito enunciador ao tratar as questões temáticas.

PALAVRAS-CHAVE: carácter humanitário, crónicas literárias, *ethos*, Medina, Salústio

ABSTRACT

The aim of this essay was to understand the thematic and discursive aspects of some literary chronicles of two Cape-Verdean authors, Dina Salústio and Daniel Medina and to prove the humanitarian and pedagogical aspects of their writings. At first we did a study of theoretical contents about Portuguese chronicles with the aim to survey aspects concerning the evolution of this style throughout time, since the Middle Ages until Contemporary Era, always in a pragmatic perspective and we have discussed the characteristics which formed the style with emphasis on subjectivity, versatility, objectivity, style between oral and literary, everyday life and dialogism. Then, in methodological terms we opted to convoke *the ethos* of Amossy and Maingueneau to study the writings. Secondly, through ten Cape-Verdean literary chronicles, being five from each author we went on with the critical analysis from which we confirmed, from a thematic analysis, a humanitarian and pedagogical concern, once we noticed some troubles with problems concerning the idiosyncrasy of the Cape-Verdean people, such as the loss of values in terms of education and instruction whether in the bosom of the family or at school, a concern with the underprivileged, where we highlight orphan children whose parents are alive, the abandon of mental sick people and children who live in the streets, premature pregnancy, juvenile prostitution among others. The way the writers of chronicles positioned themselves concerning the approach of the themes allowed us to project the discursive *ethos* in these two sensitive personalities, sober and committed with the noble values which affect the human being. The same way, we have realized as relevant aspects of the writings, subjectivity, individuality and discursive personality, brevity, the dialog in a free indirect style, everyday life and literature combined with some rhetorical resources which allow us to verify the serious and ironic tones of the subjects which deal with thematic matters.

KEYWORDS: humanitarian aspects, ethos, literary chronicles, Medina, Salústio

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vi
PALAVRAS-CHAVE:	vi
ABSTRACT	vii
KEYWORDS	vii
INTRODUÇÃO.....	12
Motivações e objetivos	12
Metodologia	15
PARTE I.....	16
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
Enquadramento da crónica nos géneros discursivos.....	17
O género crónica e a sua evolução.....	24
PARTE II.....	31
Características da crónica	32
Subjetividade.....	32
Brevidade	33
Estilo entre o oral e o literário.....	33
Objetividade	34
Quotidianidade	34
Dialogismo	35
Versatilidade.....	38
A crónica, um género menor ou uma tentativa de eternização: realidade ou ficção?.....	39
PARTE III	42
Crónica no panorama cultural atual cabo-verdiano	43

A importância do ethos na análise do género crónica	47
ANÁLISE DAS CRÓNICAS.....	52
1. Crónicas de Dina Salústio.....	54
1.1. Filho és, pai serás	54
1.2. Para Quando Criança de Junho a Junho?	56
1.3. Forçosamente Mulher, Forçosamente Mãe	58
1.4. Sem Idade Sem Verdade	58
1.5. Tabus em Saldo	59
Aspetos Gerais sobre a Cronística de Salústio.....	61
2. Crónicas de Daniel Medina.....	70
2.1. Este é o dia do professor	70
2.2. De pequeno, dos pequenos que poderão ser grandes	72
2.3. Mais um Natal	74
2.4. Em Diálogo pelo Diálogo.....	75
2.5. O Dia da Terceira Idade	76
Aspetos Gerais da Cronística de Medina	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
BIBLIOGRAFIA	86
ANEXO 1	115
CRÓNICAS DE DINA SALÚSTIO.....	92
Filho és pai serás	92
Para Quando Crianças de Junho a Junho?.....	94
Forçadamente mulher, forçosamente mãe.....	96
Sem idade sem verdade	97
Tabus em Saldo	98

ANEXO 2	100
CRÓNICAS DE DANIEL MEDINA	101
Este é o dia do professor	101
Mais um Natal... ..	104
De pequeno, dos pequenos que poderão ser grandes	107
Em diálogo, pelo diálogo e com o diálogo.....	110
O Dia Da Terceira Idade	113

INTRODUÇÃO

Motivações e objetivos

Este trabalho surgiu da necessidade de uma melhor compreensão do género crónica, principalmente, do subgénero literário, que aparece, frequentemente, nos programas do ensino secundário das áreas Ciências e Tecnológicas e Económico e Social do terceiro ciclo, em Cabo Verde, que nos exige, como docentes, um conhecimento profundo para melhor poder explicitar, cabalmente, a forma como se constrói este género discursivo-textual e, conseqüentemente, compreender os mecanismos/recursos linguístico-textuais que o configuram.

Trata-se de um género que aparece relacionado com dois universos discursivos diferentes, ao do jornalismo e ao literário, ainda que nenhum possa reclamá-lo para si, pois a crónica com a sua própria autonomia estética, estilística e semântica, ultrapassa essa tentativa taxionómica. Convive muito bem nas páginas dos periódicos, assim como nas de uma obra literária. A sua maleabilidade faz com que a crónica seja um género eclético, deixando com que a intenção do cronista, assim como o seu estilo sobressaiam, por isso, sempre deverá ser analisada, tendo em consideração a sua dimensão pragmática.

Desde sempre tivemos, por outro lado, uma especial apetência e curiosidade pelo género crónica, pois no momento em que ainda não detínhamos a perseverança necessária para ler obras como a novela e o romance, numa primeira fase da nossa formação, o género facultou-nos, devido à sua brevidade e ao seu carácter lúdico, a possibilidade de uma leitura mais agradável, sem o tempo que a degustação que os últimos nos impunha.

A crónica permitiu-nos, também, ainda que timidamente, aventurar-nos na escrita das nossas primeiras composições, produções essas que, com algum atrevimento, ousamos chamar de literárias. E no ano de 2012, quando decidimos ingressar, novamente, no mundo académico, na Universidade Aberta, o qual, com muito afinco, temos levado a cabo, surge-nos uma unidade curricular denominada Tipologias Textuais, em que nos foi solicitado um trabalho sobre um determinado género textual. Eis que emerge, então, a ideia de visitar as nossas esquecidas crónicas para a análise de modo que garantíssemos uma certa

singularidade da nossa investigação e, de uma outra perspetiva, científica, por sinal, já com os conhecimentos apreendidos nessa disciplina, pudéssemos analisá-las e testar as suas qualidades sob o olhar crítico de uma investigadora, a docente da disciplina.

Após a concretização da tarefa e da análise efetuada, surgiu a necessidade da escolha de uma temática que servisse de dissertação. É neste contexto que nasce a ideia de efetuar um estudo mais aturado sobre este género.

Assim, após leituras preliminares de artigos, teses, e extensa bibliografia sobre o tema, decidimos aprofundar os nossos estudos sobre a crónica literária.

O objetivo primeiro desta investigação foi proceder à análise de crónicas reunidas em livro a partir do ano 2000 no panorama cultural cabo-verdiano, numa perspetiva linguístico-textual e discursiva, explicitando, sempre que possível, como se manifesta o *ethos* do sujeito enunciatador com base nos pressupostos teóricos de Amossy e Maingueneau. Concomitantemente, outra das intenções da nossa análise consiste em demonstrar o carácter humanitário das composições e a dimensão pedagógica que constituem o corpus, privilegiando, para tal a análise das diferentes temáticas.

A nossa investigação subdivide-se, portanto, em dois grandes momentos. No primeiro, far-se-á uma reflexão teórica sobre a evolução do género, visando compreender, sobretudo, a sua dimensão pragmática, ao longo dos tempos, e delinear as suas características com que se tem vindo a enformar, sem se olvidar de aprofundar aquilo que se entende por crónicas literárias.

Nesta tentativa de caracterização do género dever-se-á ter sempre em mente que a crónica é de definição controversa uma vez que, como narrativa, não se poderá considerar precisamente literário como acontece, por exemplo, com o conto, a novela ou o romance.

É de realçar que esta primeira parte visa, especialmente, convocar aspetos teóricos da cronística portuguesa, que julgamos pertinente, dado tratar-se de um curso em *Estudos de Português: Investigação e Ensino*. Por seu turno, num segundo momento, procederemos à análise de dez crónicas de dois escritores cabo-verdianos, todas reunidas em livro, a partir

do ano 2000, cujo intuito encerra os elementos anteriormente referenciados. A análise, devido às particularidades das crônicas desse subgênero, assumirá um caráter ensaístico.

Analisar-se-ão as crônicas a nível dos recursos linguístico-textuais, dos conteúdos temáticos, apontando o *ethos*, que será aqui retomado na sua dimensão discursiva e orientado pelas investigações dos teóricos Ruth Amossy e Maingueneau.

O *ethos* afigura-se de extrema pertinência para o nosso estudo uma vez que, para além desta investigação ser tributária de vários campos das ciências da linguagem, nomeadamente, da análise do discurso, da retórica e da pragmática, situa-se numa ponte onde várias ciências da linguagem parecem intersetar-se, permitindo-nos, de entre outros aspetos, analisar a encenação do *eu* do cronista, em todo o processo discursivo, deixando sempre as suas impressões nas mais variadas dimensões linguísticas, sociais, literárias, retóricas, axiológicas, ideológicas, o que faz jus à conceção de Amossy (2005), demonstrando-nos que o *ethos* não é, exclusivamente, interno ao discurso, senão fruto de uma troca simbólica.

Quando, por outra via, se analisa o discurso do género em causa, há que considerar questões como o *tom*, ou seja, *aquilo que o texto diz*, que, na perspetiva de Maingueneau (2006), corresponde, tão-somente, à *voz do texto*, que, por sua vez, se apoia no conceito duplo do enunciador, o de *um carácter* e o de *uma corporalidade*. Deste modo, com o estudo da crónica, como género, sendo literária ou não, teremos de ter em consideração, segundo Maingueneau (2005) a maneira de dizer do sujeito enunciador, a cena de enunciação.

Metodologia

O presente trabalho, devido às suas características, circunscreve-se no recurso ao método qualitativo uma vez que a análise textual de conteúdo se revela imprescindível na interpretação dos textos em análise.

No que tange à recolha de dados, baseamos, num primeiro momento, numa revisão da literatura que focalizasse aspetos teóricos da temática em estudo, tendo analisado os conceitos chave para a compreensão do género e, conseqüentemente, a criação de um corpus teórico do qual sobressaíram a concetualização da crónica, a dimensão pragmática do género ao longo dos tempos, as suas características linguísticas e discursivas e a convocação do ethos para a análise das composições. Com base nesses pressupostos procedeu-se, de seguida, à análise crítica dos textos que foram, aleatoriamente, selecionados. O estudo possui, desta feita, um carácter ensaístico, devido à sua dimensão analítica, numa tentativa de formular um sentido exaustivo e interpretativo sobre a crónica literária.

PARTE I

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Enquadramento da crónica nos géneros discursivos

Refletir sobre um determinado género, como a crónica, implica, necessariamente, uma abordagem da mesma numa perspetiva historicista. Torna-se, no entanto, para o âmbito do nosso estudo, *a priori* imprescindível clarificar os conceitos de género textual, tipo textual e domínio discursivo.

A comunicação verbal (oral ou escrita) só se concretize graças aos géneros textuais. Tal posição encontra-se alicerçada em estudos de vários linguistas dos quais podemos apontar Bakhtin (1984) François Rastier (1989), Bronckart (1997) e Marcushi (2002).

Com Bakhtin (1984) os géneros textuais assumem, com a diversidade das práticas sociais, grande relevo nos estudos linguísticos, orientando novas investigações a nível da materialização da língua. Coutinho (s/d:4) apud Bakhtin (1984: 265) assegura que os géneros textuais são tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelas mais diversas esferas da atividade humana que se caracterizam por atividades sócio discursivas. Rastier (1989: 36), por seu turno, no âmbito das suas investigações sobre a semântica textual, considera que qualquer situação de comunicação é determinada por uma prática social e que em cada prática social está um conjunto de usos linguísticos a que se chama discurso do qual compreende um certo número de géneros.

Bronckart (1997), por sua vez, com os seus estudos sobre o interacionismo sociodiscursivo, deixa evidente que os textos não poderiam reduzir-se a uma mera dimensão linguística, outrossim como representantes empíricos das atividades da linguagem de ordem antropológica ou social.

Numa observação convergente sobre estas três perspetivas sobressai a ideia de que os géneros textuais são alicerçados em práticas sociais, sendo de realçar que a dimensão discursiva e enunciativa é de extrema relevância para a concretização dos textos em situação de comunicação. O género textual vê-se, assim, como fruto das práticas sociais, fazendo jus à ideia de que a língua nada mais é do que a materialização dos mais diversos

gêneros recorrendo aos diferentes tipos textuais que se apresentam como sequências linguísticas dos mais diferentes domínios discursivos da atividade humana.

Marcushi (s/d:3) refere-se aos gêneros textuais: “como uma noção propositadamente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas, definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.” O tipo textual utiliza-se para designar “uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspetos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas).” Os domínios discursivos, por seu turno, são utilizados para designar “uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas.”

Depreende-se, de acordo com o exposto, que os gêneros são inúmeros, quase que incontáveis, devido à sua flexibilidade e vitalidade, contrapondo aos tipos que se resumem a meia dúzia, sendo que, num mesmo gênero, podemos encontrar um ou mais sequências, ficando ao critério do utente linguístico a escolha da (s) sequência (s) que mais se adequa(m) aos seus intentos comunicativos.

Bakhtin, devido à heterogeneidade e variedade dos gêneros discursivos, efetua uma sistematização, na qual os diferencia em dois grupos, os primários ou espontâneos e os secundários ou estáveis. Os primeiros referem-se aos gêneros da vida quotidiana caracterizados pela simplicidade, os quais mantêm uma relação imediata com a situação de produção enquanto os segundos dizem respeito aos complexos, produzidos em situações de troca cultural constituídos, essencialmente, pela escrita, desenvolvidas nas áreas artística, científica, sociopolítica.

A crónica, o género em estudo, pela sua natureza híbrida, fruto da coloquialidade e literariedade, situa-se numa zona onde se interseja os dois géneros discursivos, o primário e o secundário uma vez que apresenta elementos compositivos de diversos domínios discursivos. Dos géneros primários herda o tom coloquial em forma de conversa informal. Dos segundos adota a estratégia persuasiva e expressiva para captar a atenção do leitor.

Subscrevemos que a crónica, na sua conceção, assume características dos géneros primários e secundários, originando, deste modo, uma certa ambiguidade, aquando da sua classificação como género, tornando-se, híbrido, difícil de ser enquadrada num único domínio discursivo devido à sua maleabilidade, o qual tem demonstrado a própria história, não se esgotando, entretanto, como género literário ou jornalístico, senão como um género superior a esta tentativa taxonómica devido à sua autonomia, como, posteriormente, se explicita.

Relacionar a crónica com os conceitos, anteriormente, referenciados, implica, necessariamente, um estudo da mesma, ao longo da sua trajetória, como género, como materialização social a nível dos domínios discursivos onde se insere, ou que reclamam para si essa pertença e ainda os diferentes tipos textuais com que se materializa o discurso.

Fazer, todavia, um trabalho deste tipo originaria um estudo exaustivo que se esbarraria, certamente, em muitos aspetos e que, em si, seria motivo de múltiplas dissertações. Sendo assim, procuramos evitar tais incursões/dispersões e, sem pretensões desmesuradas, defini-la e enquadrá-la nos domínios discursivos, não se esquecendo que qualquer género textual se concretize através dos diferentes tipos ou sequências textuais.

Não parece demais observar que a crónica se for tomada como género, como qualquer outro, deverá ser, então, analisada na sua dimensão histórica, técnica, temática, ideológica e compósita, considerando sempre as circunstâncias culturais e pragmáticas em que se materializa.

Tomámo-la, aqui, como género na medida em que, desde os seus primórdios, se vê como uma realização linguística resultante de práticas sociais, comunicativas e culturais ainda que, como se explicita no capítulo seguinte, se caracterize como um género textual altamente maleável, dinâmico e plástico, fruto das várias alterações que tem vindo a sofrer

ao longo dos tempos a nível do estilo e das composições temáticas, aliadas ao suporte de divulgação.

Como género, nos nossos dias, há normas que a fixa na tradição literária, a título ilustrativo, podemos apontar a sua temática preconcebida, servindo-se da quotidianidade e da atualidade; como veículo de publicação ampara na rádio, no jornal, na revista, no livro ou na internet; caracteriza-se pela prontidão espacial e temporal, socorre-se, em muitas circunstâncias, do tom coloquial e quanto muito poético.

No que concerne ao domínio discursivo, a crónica situa-se, na contemporaneidade, em torno de duas instâncias, a jornalística e a literária, embora nenhuma possa, na nossa opinião, reclamá-la para si, pois, como se pode certificar, de seguida, alguns estudiosos a consideram como um género híbrido que tanto pode tender para o discurso objetivo como para o subjetivo.

O género, pelas suas características discursivas (objetividade /subjetividade), encontra-se, muitas vezes, situada na encruzilhada dos tipos discursivos jornalísticos e literários pelo que se o objetivo for valorizar o facto, sem incursões pelo campo subjetivo do cronista, a denotatividade do signo linguístico aproxima-a do território jornalístico. Se a intenção do cronista for marcar, entretanto, a subjetividade literária, metamorfoseando a referencialidade através das funções poética e expressiva da linguagem, no qual a conotatividade do signo sobrepõe a denotação, tenderá, então, para o território literário.

A liberdade desse género, em conviver em esferas da vida social diferente (jornalística e literária) e em abordar temas de natureza diversificada, torna-o único. Diríamos, por isso, que a crónica se inclui em mais do que um domínio discursivo, consequência da sua flexibilidade, da sua ecleticidade, ou da sua intenção comunicativa. Poderá ser, também, tomada, na dimensão discursiva, como o resultado dessas duas instâncias, o que originaria um domínio híbrido e, quiçá, superior, fruto da sua autonomia linguística, estética, estilística e semântica proporcionada pela própria linguagem.

O nosso objetivo não é tentar fixar a crónica numa determinada esfera discursiva em termos taxonómicos senão analisar as suas possibilidades, a sua arquitetura e aferir de que forma os recursos linguísticos são capazes de lhe conceder novos significados, novos

sentidos, sendo, por isso, a descodificação do conteúdo textual (assunto/tema) fulcral para o nosso estudo.

Reis e Lopes (2002: 87) atestam que “o termo crónica designa um tipo de narrativa de definição algo problemático”, o que, na nossa opinião, o torna num género cujo estudo merece um certo cuidado uma vez que as suas características discursivas, textuais e sócio retóricas, não são estanques, como acontece, por exemplo, com outros géneros. Tendo em consideração a evolução do género, como se explana no capítulo que se segue, neste contexto, consideramo-la como um género textual altamente maleável, dinâmico e plástico, fruto da sua dinâmica sócio discursiva e histórica.

Magni (2009: 90) entende-o como um género híbrido, ligado tanto ao mundo objetivo das notícias quanto ao subjetivo do cronista. Jurach (2011:2220) corrobora a mesma opinião, avançando que “a crónica envolve em duas esferas distintas, mas que conseguem conviver produtivamente na configuração do género e na produção dos efeitos de sentido. Da esfera jornalística recebe o tema da vida quotidiana, da factualidade o suporte e a credibilidade. Da esfera literária, absorve a criatividade, a permissão do verosímil (e não a exigência da ‘verdade’) e um grau relativo de expressão e de estruturação.” Moisés (1978:247), por seu turno, afirma que “a crónica oscila entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia.”

Se tomarmos estas perspetivas, como verdade absoluta, podemos verificar que a crónica se situa na transitoriedade de duas instâncias, a literária e a jornalística, o que pressupõe que o género não detém características próprias, ou seja, não possui a sua própria autonomia, estando, neste caso, subordinado às duas instâncias.

Pereira (2004:170) é, entretanto, detentor de uma visão mais ampla ao colocar “a crónica no espaço jornalístico como uma narrativa que tem independência estética e pode inscrever várias linguagens em seu espaço gráfico, não se limitando apenas aos preceitos da literatura ou do jornalismo.”

Esta concetualização da crónica, por parte de Pereira, ultrapassa a tentativa de limitá-la às fronteiras jornalísticas e literárias, as quais muitos investigadores a tentam enquadrar.

A crónica vê-se, deste modo, como um género de difícil concetualização pelo que a sua autonomia e a sua natureza libertária fazem com que não esteja dependente de normas fixas. Diríamos que a crónica é um género onde tudo parece caber, onde a intertextualidade discursiva se configura um atributo imprescindível, um género onde os discursos jornalísticos, literários ou outros não lhe são estranhos.

Se é deste modo por que razão insistir, então, em procurar taxionomias para o estancar? Ao limitarmos a crónica a um único discurso não estaríamos a condicionar a liberdade criativa do próprio cronista, que o próprio género lhe proporciona?

A crónica é, em suma, um género que tem a capacidade de lidar com temáticas de forma emotiva, referencial, poética e metalinguística, como já fizeram grandes mestres da literatura. Assim, o género deverá ser analisado tendo em atenção o seu carácter polifónico, considerando-o numa rede interdiscursiva, em que o discurso literário, jornalístico, ideológico, social ou outros fazem parte dessa arena de relações.

Eça de Queiroz, por exemplo, numa inolvidável crónica, fazendo uso da metalinguagem do próprio género (metalinguagem essa explorada, também, por outros cronistas, como Clarice Linspector, Drummond, Saramago...) num tom, essencialmente, coloquial, é bastante elucidativo ao conceptualizá-la e caracterizá-la desta forma:

“ A crónica é como que a conversa íntima, insolente, desleixada, do jornal com os que o lêem: conta mil coisas, sem sistema; sem nexos, espalha-se livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade; fala das festas, dos bailes, dos teatros, das ondas, dos enfeites; fala em tudo, baixinho como se faz ao serão, ao brasileiro, ou ainda de Verão, no campo quando o ar ainda está triste. Ela sabe anedotas, segredos, histórias de amores, crimes terríveis; espreita porque não lhe fica mal espreitar. Olha para tudo, umas vezes melancolicamente, como

faz a lua, outras vezes alegre e robustamente, como faz o sol; a crónica tem uma doirdice jovial, tem um estouvamento delicioso: confunde tudo, tristezas e facécias, enterros e actores ambulantes, um poema moderno e o pé da imperatriz da China; ela conta tudo o que pode interessar pelo espírito, pela beleza, pela mocidade; ela não tem opiniões, não sabe do resto do jornal; está aqui, nas suas colunas, cantando, rindo, falando; não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando. A crónica é como estes rapazes que não têm morada sua e que vivem no quarto de seus amigos, que entram com um cheiro de primavera, alegre, folgazões, dançando que nos abraçam, que nos empurram, que nos falam de tudo, que se apropriam do nosso papel, do nosso colarinho, da nossa navalha de barba, que nos maçam, que nos fatigam mesmo e, quando se vão embora, nos deixam cheios de saudade.”

Eça de Queiroz, in *Distrito de Évora*, nº 1, 6 de Janeiro de 1867

Neste excerto queirosiano, sobressai uma multiplicidade de tentativas da definição e caracterização do termo.

O autor deixa visível que a crónica parte sempre do factual: *fala das festas, dos bailes, dos teatros, das ondas, dos enfeites; fala em tudo*. ‘ Corroborando esta reflexão Magni (2009: 93) apud Masefoli (2002: 175) sublinha que “a crónica capta esses elementos que são, à primeira vista, insignificantes: odores, imagens, ruídos. São fragmentos que se transformarão numa espécie de ‘diário dos costumes’, modos de amar, de pensar e de fazer.”

É neste contexto que surge a questão: Será que a crónica sempre foi assim entendida e concetualizada?

O género crónica e a sua evolução

Para responder à questão anteriormente levantada, iniciamos a nossa reflexão, partindo da pesquisa da definição do vocábulo, constante no *Dicionário de E-Termos Literários* de Carlos Ceia. Assim, de acordo Anabela Rita:

“O vocábulo deriva do latim *Chronica* e do grego *Khrónos*, consagra o conceito de tempo. Inicialmente, a crónica mais geral ou mais particular registava acontecimentos históricos por ordem cronológica. Fonte mais direta e imediata do acontecimento histórico, comportava também factos menos relevantes, informação secundária que a História moderna tenderá a elidir. Na alta Idade Média, a crónica começa a ser conformada por uma perspetiva individual que lhe confere uma dimensão interpretativa, e, eventualmente, estética, como acontece com as obras de Fernão Lopes no séc. XIV.”

Constatamos que, inicialmente, o conceito se encontrava relacionado à narração documentada pela ordem do tempo em que ocorriam os acontecimentos, sendo a cronologia e os conteúdos históricos os eixos relevantes para a sua produção.

Poderemos perguntar, contudo, em que altura terão surgido exatamente as primeiras produções crónicas em Portugal. Que conteúdos serviam de temáticas aos cultores medievais?

Como forma de precisarmos a resposta à questão, tomemos Hernâni Cidade e Carlos Selvagem (1967: 163-164) que são de convicção que no Portugal do século XII começa:

“a aflorar a prosa em documentos redigidos num português ainda tosco mas em via de instrumento. Nos finais do séc. XII, e sobretudo no período cultural de D. Dinis, a prosa portuguesa alvorece como expressão literária. Os seus testemunhos de melhor quilate são os *cronicões* primeiras fontes da historiografia nacional. Os *cronicões* eram registo sem ligação ou continuidade, escritos por iniciativa oficial ou particular.”

É no século XIV, no entanto, com Fernão Lopes, uma das maiores personalidades da cultura portuguesa, que na ótica de Saraiva e Lopes (2005:105) pelo conjunto dos seus

méritos, merece ser contado ao lado de Camões, Gil Vicente, Herculano, Garrett, Antero de Quental e Eça de Queirós, que se inaugura a escritura das crónicas gerais dos reis de Portugal, num total de dez, das quais, segundo Aubrey Bell (1971), só se conservaram três: *Crónica del Rei de Dom Juan de Boa Memória*, *Crónica del Rei de Dom Fernando* e *Crónica del Rei Dom Pedro*. Outros cronistas, como Gomes Eanes de Zurara e Rui de Pina, com a mesma incumbência de registar e fixar os factos dos reinados e os atos de algumas personalidades da nobreza, se lhe seguiram.

Tais composições relatavam os acontecimentos mais relevantes de um reinado ou de uma personalidade da nobreza, evidenciando as suas conquistas políticas e militares ou a vida de corporações religiosas, sendo, portanto, estes os seus principais temas privilegiados.

Estas crónicas caracterizavam-se por um discurso, essencialmente, objetivo, pois servia-se da narração dos factos de acordo com a ordem do sucedido. Muitas ficaram fixadas pela posterioridade, podendo com elas, em muitos aspetos, conhecer a história e a sociedade dessa altura. Assim, diríamos que as mesmas se destacam pelo seu valor histórico ou documental ainda que o primeiro dos principais cronistas medievais portugueses, Fernão Lopes, tentasse imprimir nelas uma ótica individual que lhes conferisse uma dimensão interpretativa e, eventualmente, estética, ao debruçar sobre a psicologia dos diferentes tipos sociais, deixando sobressair, mesmo que, subtilmente, a subjetividade do cronista ao tentar entrar na *psique* humana das suas personagens. Sobre tal asseção diz-nos Lopes (s/d: 2-3) apud Rocha (1995: 13-14) que a formação de tabelião, levou Fernão Lopes a aproveitar os documentos notariais na reconstituição do passado, pondo o maior cuidado na determinação da verdade histórica. A vontade de explicar cabalmente os acontecimentos leva-o a interessar-se pela psicologia das suas personagens – tanto pelas figuras centrais como D. João, Mestre de Aviz, e Leonor Teles, como pela psicologia das multidões, cujos movimentos o seu temperamento de artista nos consegue fazer presentes.

Saraiva e Lopes (2005:127), a propósito da matéria literária da cronística medieval, sobretudo, a de Fernão Lopes, asseguram que:

“ são múltiplos os aspetos da vida a que a sua pena tem de acudir; é o interior das cortes com os seus tipos psicológicos próprios; (...) é a praça pública movimentada e ruidosa (...); é o acampamento da guerra; (...), são as alterações violentas nos conselhos e nas assembleias, são quermesses coloridas nas cidades, engalanadas, o que lhe confere excepcionais qualidades de artista.”

Este excerto é prova incontestada que se quisermos conhecer o *modus vivendi*, quer social, quer cultural medievais, nas suas mais variadas manifestações da atividade humana, com os seus ensejos, os seus diferentes tipos, categorias e ambientes sociais, teremos, necessariamente, de recorrer às produções cronísticas dessa incontornável personalidade da cultura portuguesa.

A cronística medieval de Fernão Lopes e, posteriormente, a de Rui de Pina e Gomes Eanes de Zurara configuram, por conseguinte, uma mais-valia para o conhecimento histórico das sociedades.

Massaud Moisés (1992:131-133), por outro lado, para o panorama brasileiro, parte da explicação etimológica do termo e apresenta as variações de sentido ocorridas desde o início da era cristã, quando a crónica tinha, então, a função de registar os factos históricos conforme a sequência temporal, correspondendo assim aos anais da História. Segundo o autor:

“após o século XII, a crónica, assim definida, passou a ser percebida de maneiras diversas em função do grau de subjetividade com que os textos eram escritos (...). A partir do século XVI, a noção anterior de crónica passou a ser nomeada preferencialmente pelo termo “História” e, somente, a partir do século XIX, o conceito de crónica adquiriu sua feição moderna, assumindo uma dimensão estética e literária.”

Nos séculos subseqüentes, XVI e XVII, não podemos deixar de referir a literatura de viagem que terá feito com que muitos dos escribas relatassem com alguma fidelidade, ou não, as suas experiências nos territórios ultramarinos. Um exemplo flagrante na cultura lusitana é a carta do português Pêro Vaz de Caminha, datada de 1500, a qual, na nossa opinião, embora densa, se deixa penetrar pelas características do género em análise uma vez que narra a quotidianidade da vida dos indígenas brasileiros pondo algum realismo nas

análises, alguma curiosidade e espanto do sujeito enunciador e, ao mesmo tempo, deixando escapar uma certa tonalidade crítica. Neste ato de narrar a visão do outro, neste caso, do europeu (visão eurocêntrica), estas composições revestiam-se de uma dimensão subjetiva, embora muitas tivessem como mera intenção relatar, descrever o desconhecido, daí afirmarmos que a crónica aparece disseminada nesse género epistolográfico.

Quando se estuda a crónica, a imprensa terá de ser tido em linha de conta, pois é com ela que a crónica pelas mãos de escritores conquista este novo espaço. Anabela Rita (2010), uma das investigadoras do *Dicionário Online de Termos Literários de Carlos Ceia*¹ já mencionada, prossegue argumentando que:

“no século XIX, o desenvolvimento da imprensa periódica e, em especial, da de opinião, faz emergir a crónica no sentido moderno. No início, ela era apenas uma seção de abertura que dava conta das notícias e dos rumores do dia, mas tenderá a alargar-se e a especializar-se pelo interior do periódico (crónica artística, literária, musical...). Depois desloca-se para o ‘folhetim’ (...) lugar de que se libertará mas onde conquistará a colaboração de homens de letras e, com isso, o espaço entre o jornalismo e a literatura.”

É no mesmo século que a crónica passa a conviver, nas mesmas páginas dos periódicos com os outros géneros jornalísticos, inicialmente, como crónica-folhetim, de seguida, em seção de edições jornalísticas, tornando-se, por conseguinte, momentânea que, no entanto, servindo-se de matéria aspetos corriqueiras do quotidiano e acalentadas com a pena de muitos escritores, com uma certa preocupação estética, estilística e semântica, recorrendo ao poder que a própria palavra encerra, tornam-se quase que intemporais.

É, também, precisamente neste período que a crónica conquista os maiores e mais relevantes cultores. No panorama cultural português muitos foram os que participaram nos ditos folhetins e jornais. Como exemplos evidentes, podemos apontar Eça de Queirós (1845-1900) seguido de Ramalho Ortigão (1836-1915) que fizeram agitar, neste período, a opinião pública com *As Farpas*, revista humorística, de intervenção política, cultural e social, com as ditas crónicas mensais da política, das letras e dos costumes, após a proibição das *Conferências do Casino*. As crónicas de Eça foram, *a posteriori*, reunidas em

¹ *Verbetes sobre crónica*, in *E Dicionário Online de Termos Literários de Carlos Ceia*, 2010

livro intitulado-se *Uma Campanha Alegre* enquanto as de Ortigão reunidas do mesmo modo, desta feita, em onze volumes e publicadas em 1890 sob o título *Histórias Alegres de Dezassete Anos de Vida Burguesa*.

Lopes (idem:5) no artigo “*A crónica nos jornais: O que foi? O que é?*” deixa transparecer que o XIX, em Portugal, é pródigo no culto desse género:

“nos jornais, a partir de 1864, no *Diário de Notícias* – escreve-se a melhor ficção e crónicas nacionais. Muitos são os títulos que refletem os tempos: *A crónica (1831-32)*, *Crónica dos Açores (1833)*, *Crónica Constitucional do Porto (1832-33)*, *Crónica Constitucional de Lisboa (1833-1834)*, *Crónica de Algarve (1833)*, *Crónica de Bragança (1835)*, *Crónica Literária da Academia Dramática (1840)*, *Crónica Portuguesa (1846)* ...”

Do exposto é de assinalar que da eternidade medieval, na tentativa de fixar determinados acontecimentos baseados, sobretudo, nos feitos dos reis e da nobreza, mesmo que criando uma versão fantasiada da própria história, as crónicas ganham, com os periódicos, uma dimensão efémera, sujeitas a certos condicionalismos que o novo formato lhes impunha, passando a ser lidas e apreciadas à medida que os jornais lhes davam estampa, visando sobretudo o “*hic et nunc*,” fruto da pertinência que a atualidade temática lhes concedia. Revestem-se de uma preocupação estetizante, consequência do discurso pessoal dos seus mais diversos autores, em que a crítica, os comentários, a reflexão surgem como formas discursivas apreciadas.

Na segunda metade do século XIX, com esta forma de narrar os factos, que as crónicas de costumes, em Portugal, começam a fazer fulgor. Sob pretexto de analisar, à lupa, as regras e as condutas privadas ou públicas dos diferentes tipos e categorias sociais, as crónicas de costumes funcionaram como uma crítica dos “*mores*” portugueses, nas suas mais diversas manifestações humanas, envolvendo as modas, os gostos e os hábitos. Em *Os Maias* de Queirós, por exemplo, mesmo tratando-se de um romance tece-se, subtilmente, a crónica de costumes na medida em que se constata o olhar crítico de um narrador comprometido em desmascarar os hábitos e os comportamentos sociais de uma época e tempo específicos.

Esta constatação pode impelir-nos a questionar até que ponto não poderemos falar de um subgénero (crónica literária) disseminada num hipérgenero (romance)? Não terão as crónicas de costumes contribuído para o florescimento do género como o conhecemos na atualidade?

Atualmente, a crónica moderna resulta, em muitos casos, de uma apreciação crítica de um sujeito enunciator, sobre um facto real ou imaginário no qual este se inspira. Assim, em muitas situações, os comportamentos e os hábitos sociais, nas suas mais variadas revelações da atividade humana, como na arte, literatura, teatro, política ou pequenos e irrelevantes factos da quotidianidade servem de mote para as reflexões do cronista, embora este género possibilite ao cronista, posicionar-se, em termos narrativos de diferentes formas, como romancista, contista, poeta, jornalista, pois, não está preso a nenhum preceito pré concebido.

Já no século XX, para Ribas *et al* (2009: 11), após ganhar a dimensão autoral, a crónica alcançou o *status* de género capaz de permanecer no tempo, conjugando sincronia e diacronia.

Esta afirmação é igualmente subscrita pelo teorizador brasileiro Drummond (1999), que afiança que crónicas escritas há mais de cem anos estão hoje vivas como naquele tempo. Os acontecimentos perderam a atualidade, mas os textos cronísticos permaneceram.

Quando, por outra via, numa dimensão evolutiva, se aborda os meandros da crónica, como género, não poderemos deixar de mencionar os (re) inventores que, constantemente, a impulsionaram sob o brilhantismo das suas penas. Na cultura portuguesa, e não só, ao longo da história, muitos hábeis ficcionistas, com os seus mais variados intentos, escolherem o género para fazer refletir, criticar, divertir, insinuar, propor, advertir, moldar, educar, ou melhor, comunicar com os seus mais variados leitores.

A crónica, como é entendida e concebida na contemporaneidade, muito tem que ver com a sua origem. Nos tempos remotos tentava fixar e assinalar os factos através da própria história, atualmente, mesmo que discutível, é um género que serve, na maior parte das vezes, para recensear pequenas narrativas sobre um facto real ou imaginário, muitas vezes, com uma apreciação crítica dos costumes, outras, conveniente, aguçada, pessoal e ilusória.

Com alguma intermitência, nos séculos seguintes até ao XIX, a crónica confunde-se com a ficção e a história influenciadas, primeiramente, pelas novelas de cavalaria, seguidas do relato dos navegadores, num registo quase que epistolográfico, sobre as novas gentes, as novas culturas.

No declínio do séc. XIX, início do XX, muitos cronistas se despoletaram no panorama cultural português, dos quais podemos mencionar Gervásio Lobato, Guilherme de Azevedo, Pinheiro de Chagas, João de Chagas, Carlos Malheiro Dias, Augusto Castro.... É no final do mesmo século que se evidenciaram cronistas como António Alçada Batista, Luís Stau Monteiro, com as célebres crónicas da *Guidinha*.

A partir de 1988, de acordo com Lopes, escritores e jornalistas portugueses dedicaram-se à produção brilhante da prosa crónística. No semanário *O Independente* evidenciam-se Agustina Bessa-Luís, Miguel Esteves Cardoso, Vasco Pulido Valente, Luísa Costa Gomes ou António Mega Ferreira, muitos deles colaborando, posteriormente, no jornal diário *Público* (e também António Barreto ou Alexandra Lucas Coelho) ou para o semanário *Expresso* (e também Clara Ferreira Alves, Inês Pedrosa, Miguel Sousa Tavares), não se esquecendo de referir António Lobo Antunes, um dos maiores cronistas da atualidade portuguesa.

Convém afirmar que, hodiernamente, a crónica adota uma dupla estratégia, a narrativa e a dissertativa. A primeira ampara num facto do quotidiano aproveitando, ao de leve, as personagens, o espaço e o tempo, distinguindo-se, porém, do género conto, devido à sua dimensão pragmática e ideológica, cujo assunto gira quase sempre em torno de uma questão social ou axiológica, o que nos levaria, noutros contextos, a pensar numa literatura comprometida. A segunda refere ao dissertativo que, embora se alimente do factual, deixa transparecer o ponto de vista do cronista.

Essas duas modalidades de materialização do género não dispensam, todavia, os leitores e/ou ouvintes, sendo a rádio e a imprensa os veículos privilegiados para a sua transmissão, ainda que, atualmente, muitas crónicas venham conquistando com todo mérito um lugar no suporte livro, ao distinguirem-se com os seus próprios tributos literários.

PARTE II

Características da crónica

A maleabilidade da crónica torna-a num género de difícil caracterização e, ao mesmo tempo, repleto de propriedades as quais podem aparecer, ou não, numa única composição cronística, fruto da sua autonomia estética e estilística, como anteriormente referido.

Uma tentativa de delimitação dos vários elementos que a compõe, principalmente, a literária, acarretaria uma infinidade de dificuldades na medida em que este género encontra-se subordinado à criatividade do cronista, a qual dificilmente se prenderá a normas fixas. Mancelos (2010:198), a este propósito, é perentório ao afirmar que “ a crónica é um baú eclético onde tudo parece caber, sem nunca transbordar.”

Muitos são, no entanto, as investigações em que encontramos referências a algumas características das quais podemos referir às de Moisés (1982: 109-115) que as sistematiza em brevidade, objetividade, subjetividade, atualidade, diálogo, estilo entre o oral e o literário, temas do quotidiano, ausência do transcendental.

Ainda que esta tentativa de categorização não seja fechada, passamos a descrever alguns dos elementos enformadores do género.

Subjetividade

Uma das características mais relevantes da crónica é, claramente, a subjetividade. Neste género, o foco narrativo centraliza-se, geralmente, na primeira pessoa, pois a visão pessoal do cronista, através da sua intenção comunicativa, sobressai, concorrendo, também, o tipo de discurso assumido que, em muitas circunstâncias, toca o pendor conotativo da linguagem, principalmente, quando se trata da crónica literária.

Ainda que o cronista principie com um facto do quotidiano, o objetivo é valorizá-lo à medida que o vai narrando. A visão do cronista sobre o assunto reflete, de certa forma, a

mundividência do próprio cronista, por isso, o foco narrativo baseia-se no *eu* que está quase sempre presente, resguardando, deste modo, a personalidade discursiva.

Moisés (1978: 255), por exemplo, é de convicção que “a impessoalidade é não só desconhecida como rejeitada pelos cronistas: é a sua visão das coisas que lhes importa e ao leitor; a veracidade positiva dos acontecimentos cede lugar à veracidade emotiva com que os cronistas divisam o mundo.”

Diríamos, por isso, que o objetivo primordial da crónica não consiste em informar. O cronista não tem como propósito relatar factos, como acontece no género notícia, mas sim expressar opiniões, criticar, refletir, comentar sobre um assunto do quotidiano, sendo, por isso, a subjetividade uma característica marcante.

Brevidade

A estas características devemos, naturalmente, adicionar outra marca idiossincrática da crónica, a brevidade.

A crónica é, usualmente, um texto curto, pois destina-se, na maior parte das vezes, a ser publicada na imprensa periódica sendo, por conseguinte, textos datados e assinados. Aparecem, modernamente, com as novas tecnologias em *blogues* e na imprensa *online*, permitindo-nos, desta forma, efetuarmos rápidas e fragmentárias leituras.

Estilo entre o oral e o literário

Na contemporaneidade, ao produzirem as suas mais diversas narrativas, os cronistas escrevem-nas como se estivessem a conversar com os seus leitores, procurando uma certa intimidade. Assim, escrevendo, como se estivessem a contar-lhes os casos vivenciados, os cronistas envolvem-nos nas suas mais variadas reflexões sobre a vida social, política ou outra, utilizando diversos tons (sério, humorístico, ...) aos quais podemos tão-somente

acrescentar o poético, o que deixa transparecer o género fazendo parte do mundo literário. Deste modo, uma característica que sobressai a este nível é a presença de uma linguagem que amalgama traços da escrita com a oralidade, facultando momentos de fruição a muitos leitores.

Objetividade

A objetividade é-lhe, também, intrínseca pois o facto e/ou acontecimento, em muitos casos, mesmo que imaginário, é quase sempre o ponto de partida das reflexões do cronista. Quando a crónica assume essa dimensão perde a faceta ensaística, pondo em relevo a ordem sobre a qual desenrola os acontecimentos, sendo os eixos tempo e espaço relevantes. A terceira pessoa discursiva é realçada em detrimento da primeira, sobressaindo, por isso, a referencialidade.

Várias são as modalidades de crónicas que privilegiam esta característica. Referimo-nos, concretamente, às desportivas, às políticas, às económicas, entre outras. Quando isto acontece, não significa, todavia, dizer que o cronista seja refém do discurso objetivo uma vez que, na perspetiva de Letria (1999:51), com a crónica, não se pode falar em estilo objetivo devido à liberdade assumida pelo cronista nas suas análises, ainda que se encontre sujeito a um imperativo de uma notícia, facto ou relato. O cronista deve sentir-se, portanto, livre de estilo e preceitos formais, comunicando a forma como sente os factos e tirando partido do mais próprio do seu estilo, sendo, deste modo, a sua dimensão pragmática, o mais importante.

O cronista possui, portanto, a aptidão de transformar os dados objetivos em estéticos, fruto da sua capacidade inventiva.

Quotidianidade

A crónica possui características do discurso jornalístico, por narrar factos quotidianos. Geralmente, o cronista parte de um tema do quotidiano, não se limitando, porém, a conceder-nos informações objetivas sobre o mesmo. À medida que narra os

factos, a veracidade positiva dá lugar à emotiva. Isto significa dizer que os factos do quotidiano são, constantemente, recriados por via da liberdade e do poder imaginativo do cronista, configurando-se, desta feita, a crónica como um género que faz do quotidiano o ponto de partida das suas reflexões, todavia nunca o de chegada. O facto do quotidiano que, geralmente, para o jornalista é uma finalidade, para o cronista é um motivo para suas deambulações.

Essa quotidianidade não pressupõe *latu sensu* atualiliidade na crónica literária pois o género não tem como comprometimento a última ocorrência e a novidade, sejam de que natureza for. Para isso serve a notícia ou a reportagem, por exemplo.

A crónica, neste sentido, pode tomar um facto da quotidianidade redimensionando-o, dando-lhe novos sentidos, estetizando-o, sem se preocupar com a informação despida de subjetivismo. Assim a crónica não pressupõe e nem pretende explicitar a verdade, o real, o atual, apesar de laborar com os mais diversos temas da quotidianidade.

Dialogismo

O cronista, por privilegiar, em muitos casos, um tom intimista com o leitor, opta por recorrer à estratégia dialógica, num clima de cumplicidade, tratando o leitor por tu: e *tu, leitor*. Outros convocam indiretamente o leitor, buscando a sua cumplicidade para o facto narrado. Talvez por esta razão as pessoas se sintam identificadas e apegadas às narrações crónicas. Assim, de acordo com a temática abordada, a forma como é feita, o estilo do autor, a área de interesse, o leitor/ouvinte pode identificar-se com a ótica do cronista e encetar um diálogo profícuo, entendendo diálogo, no sentido teorizado por Bakhtin.

Tal efeito resulta das peculiaridades que o género em si potencia, através da *voz* do texto, das quais podemos, meramente, aludir ao uso concomitante da linguagem informal com a formal, ao tom coloquial com o culto, à linguagem real com a ilusória, aliada à pertinência temática e à liberdade criadora do cronista, o que pode colocar a nu a sensibilidade do *eu* e atingir o leitor encetando, por isso, o dito diálogo.

A crónica, além disso, é magnânima em abordar assuntos do quotidiano dos mais diversos domínios da atividade humana (cultura, política, desporto, literatura, música, jornalismo, educação...), sendo fácil de encontrar interlocutores e encetar essa empatia. Através de comentários, opiniões, reflexões, insinuações, ironias, do tom hilariante e/ou sarcástico sobre um determinado tema, muitas crónicas deixam explícito o interlocutor e incitam-no, a partir da própria linguagem (cultura ou não, real ou fictícia, formal ou informal) a tomar parte da matéria e formar a sua própria opinião, ou melhor, o seu próprio juízo de valor, sendo, por isso, as sequências dialógica, argumentativa e expositiva estratégias utilizadas para prender o leitor, ainda que o cronista seja livre de recorrer a qualquer tipo de texto (sequência textual) para a produção de sentido.

Sobre o caráter dialógico da crónica, Irene Costa (2009:68) é de convicção que, no caso da crónica, “estamos perante um género em que predominam um discurso misto – teórico e interativo e o relato, pois as marcas que emergem no texto revelam a necessidade de expor o tema e, ainda, ‘conversar’ com o leitor e interlocutor (...). Trata-se de um diálogo que se estabelece, pois a presença do suposto leitor ou destinatário fica, em geral, evidente no texto (...). Deste diálogo emergem diferentes vozes que manifestam diferentes opiniões e representações, sendo de realçar um trabalho de linguagem que desvenda uma atitude reflexiva e questionadora.

Reis e Lopes (idem: 88-89), em *O Dicionário de Narratologia*, ao discorrerem sobre as estratégias discursivas adotadas nas crónicas, deixam transparecer o caráter dialógico como uma das características marcantes desse género. Afirmam, deste modo, que:

“a crónica é condicionada por uma certa estratégia comunicativa e pelo contexto em que se insere, para além disso, acrescentam que a crónica nasceu influenciada por outras estratégias discursivas, como as que regem o folhetim e a epistolografia. (...) Da segunda conservou, não raro, **o tom dialogante** e interpretativo (o sublinhado é nosso) da carta escrita a um destinatário que se queira relativamente familiar: significativo, a este propósito, é justamente o tom epistolográfico de muitas crónicas de Eça de Queirós, como é o caso das publicadas na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro justamente sob os títulos *Cartas Familiares de Paris* e *Bilhetes de Paris*.”

A crónica, como género, com as suas características peculiares, fruto de uma certa liberdade criadora, suscita no leitor/ouvinte determinadas expectativas, e convida-o, de acordo com a área de interesse, como se de um locutor se tratasse, para uma cumplicidade que parece jamais se esgotar.

A este propósito, apraz-nos indagar quantos são os amantes do desporto que colam os ouvidos na rádio apenas pelo simples prazer de se deliciarem com as crónicas desportivas de Ribeiro Cristóvão, por exemplo? Outros são aqueles que espreitam, nas livrarias ou no espaço de hipertexto, crónicas de cariz literário para se comprazerem com a sua leitura. Na atualidade portuguesa, Ricardo Araújo Pereira é o exemplo flagrante de um cronista que tem revolucionado essa área, quer nas crónicas escritas da revista *Visão* quer nas radiofónicas diárias do programa *Mixórdia de Temáticas*. Os apreciadores da política não ficarão, também, alheios às crónicas da sua área de conveniência, tal como os de economia.

O dialogismo, ainda que não seja explícito, pode evidenciar-se, textualmente, nas crónicas, pela perceção de vestígios deixados pelo sujeito enunciador em relação ao interlocutor.

Em muitas crónicas, o cronista, através da sua própria linguagem, deixa indícios linguísticos que nos permitem, como leitores, identificar o interlocutor. De entre eles, podemos anotar, por exemplo, interrogativas diretas e retóricas, as ideias defendidas em forma de tese, na resposta a objeções, discurso da segunda pessoa, com a presença do vocativo, pronomes pessoais, possessivos, verbos no modo imperativo, presença do interlocutor explícito, como no género epistolográfico, entre outros mecanismos linguísticos.

Assim, esse género vai além do mundo do cronista, pois deixa em aberto a participação dos leitores na (re) construção ou (re) recriação da mensagem, atribuindo-lhe novas significações.

Versatilidade

Outra característica inerente ao género é, manifestamente, a sua versatilidade. A versatilidade, o ecletismo, que nos permite sublinhar que este é um género flexível, vestindo diferentes papéis, deixando transparecer, por isso, o estilo e a imagem do cronista, por conseguinte, o *ethos* do sujeito enunciador.

Para essa versatilidade contribui o posicionamento do cronista face à forma de narrar ou relatar o acontecimento (real ou imaginário).

O cronista, nas suas reflexões, posiciona-se, ora como literário, ora como jornalista. No primeiro caso, toma os elementos objetivos e transforma-os em estéticos, fruto da sua capacidade inventiva e recreativa, ou seja, reinventa uma nova linguagem a partir do signo linguístico, concorrendo para tal a subjetividade e a conotatividade discursivas. No segundo, para a sua intenção comunicativa, socorre-se da dimensão objetiva e denotativa da linguagem.

Estas diferentes formas de se posicionar fazem com que a crónica se revela num género eclético onde é possível criar, de acordo com Mancelos a imagem de um baú onde tudo parece caber, desde os diferentes discursos aos diferentes tipos de crónicas, como literárias, desportivas, económicas, políticas, policiais, sociais, de viagens, sendo que as características enformadoras do género não se esgotam certamente nas descritas.

A crónica, um género menor ou uma tentativa de eternização: realidade ou ficção?

A crónica, ainda que tenha todas essas virtudes, anteriormente, referenciadas, de acordo com Reis e Lopes (idem: 89), “por muitos, é um género menor ou, quando muito, híbrido conjugando o registo diarístico, o memorial, o ensaístico.”

Creemos que esse rótulo de género menor, no panorama da teoria literária, resulta do discurso de alguns dos seus cultores e da própria história da crónica, a partir do momento em que passou a conviver nas mesmas páginas dos jornais com outros géneros como a notícia, género este informativo por excelência.

Lobo Antunes, a título ilustrativo, interpelado sobre a pertinência do sucesso das suas crónicas literárias, desqualifica-as por causa da facilidade com que as escreve². Numa entrevista concedida a Isabel Stilwell³, in *Notícias Magazines*, no ano 2000, a qual se intitulou “*Exortação ao Lobo*” Antunes vai mais além ao proferir que:

“as crónicas têm uma função muito simples para mim que é divertirem as pessoas, percebe? E um livro acho que é muito mais que isso. Quando o Vicente Jorge Silva me falou, eu pensei isto é para ser lido aos domingos por pessoas que lêem jornais e suplementos de jornais e por isso tem que ser uma coisa que as divirta, que as distraia e que não as faça pensar muito. Apenas isso”.

Atente-se, ainda, no excerto do mesmo autor que considera as suas crónicas, onde dominam factos da sua vida quotidiana: “Comecei a escrever as crónicas porque precisava do dinheiro. Esse foi o ponto de partida (...) Quando digo que são más, é no sentido de que não são literatura” Vide. Ana Paula Arnaut, *Confissões do Trapeiro Entrevistas com António Lobo Antunes*, Coimbra: Almedina, pp. 353-354. Afirma ainda serem “uma coisa menor lateral na sua vida” e afirma que elas têm sido valorizadas por “leitores preguiçosos” Vide. Rodrigues da Silva, *António Lobo Antunes - mais perto de Deus*, in *Jornal de Letras*, nº 757, 6 de Outubro de 1999. Corroborando esta ideia de “prosa alimentícia”, na grande entrevista, recentemente dado à estampa pela Revista *Visão*, nº 1085, 19 a 25 de Dezembro

² SEIXO, Maria Alzira, *Dicionário da Obra de António Lobo Antunes*, Publicação Dom Quixote, Lisboa, 2008, p. 41

³<http://termundo.wordpress.com/2007/09/19/exortacao-ao-lobo/>

de 2013, p.114, Lobo Antunes reforça a pouca importância dada à escrita das crônicas, explicando: “Pensei que deveriam ser assim uma coisinha levezinha, divertida e não sei quê... Nunca pensei que tivessem tanto sucesso e que viessem sequer a ser traduzidas lá fora”.

Se fizermos, por outro lado, uma abordagem mais profunda, embora esta não seja objeto do nosso estudo, julgamos que, por detrás das crônicas, está sempre uma certa ideologia. É neste contexto que deixamos a seguinte indagação: a crônica literária não poderá ser tomada como uma literatura de compromisso?

Pensamos, além disso, que não é o género que vai determinar o texto como literário ou não mas sim a sua própria linguagem, a sua capacidade de imprimir novas significações através dos significantes, novos efeitos.

Como género literário, exige do cronista uma certa perícia de artífice da palavra, ideias substantivas, delicadeza e perspicácia na sua apreciação, invenção e autenticidade e o melhor de todos esses atributos, a capacidade de tocar os leitores/ouvintes com sensibilidade.

O cronista nunca será, de todo o modo, tomado como um poeta, na aceção lata da palavra, muito menos como romancista ou contista, pode reverter, no entanto, para si essas qualidades, pois o género, em causa, proporciona-lhe uma certa liberdade, não lhe impondo regras de estilo, muito menos de forma, para a sua comunicação.

A linguagem faculta-lhe uma certa autonomia, e o cronista, se souber dela fazer uso, poderá ser lido/escutado, criando a sua própria empatia com o leitor. É, precisamente, nessa afinidade com o leitor/ouvinte que subjaz uma das características que melhor a define como género: o dialogismo.

A crônica literária deverá ser, em nossa opinião, sempre analisada como um género aberto, onde a liberdade criadora deverá prevalecer, onde a plasticidade e o hibridismo farão sempre parte do seu desdobramento, sendo, por isso, analisada, única e exclusivamente, na sua vertente pragmática, a intenção com que foi produzida, salvaguardando sempre a sua autonomia estética, estilística e semântica.

Pudemos, até agora, constatar que a crônica, ao registar o casual, socorre-se da referencialidade, a qual assumindo a linguagem expressiva e, muitas vezes, poética, vai abandonando paulatinamente a frieza do referente, deixando-se penetrar pela subjetividade

do cronista, criando, deste modo, o efeito de ficção. Ao conceber tal resultado faz com que o leitor, influenciado pela própria linguagem, se sensibilize e crie (ou não) uma certa empatia com o assunto cronístico, fruto dessa invenção artística, o que nos permite falar na reconfiguração do real. Se a crónica possibilita a redefinição do real a partir da própria linguagem poder-se-á então questionar: Até que ponto este género se assume como transcendental? Será que a crónica poderá permanecer no tempo? Coloca-se então a questão: Das crónicas que enformam o nosso corpus de análise quais parecem eternizar-se e por que razão?

A crónica, fruto de uma certa autonomia estética, estilística e semântica, aliada à intenção do cronista, ao pretender informar sem querer impressionar com a sua beleza estética, sem reclamar para si a exclusividade da arte literária, faz dela um género *uno* que tanto pode estar estampada nas páginas de um jornal como nas de um livro, assumindo, neste último, uma preocupação outra com o signo linguístico e os seus múltiplos sentidos, situando-se, assim, numa fronteira onde se informa, se apela à reflexão, sem se deixar de querer tocar o transcendente, o belo.

Em suma, a crónica, como género, detém a aptidão em lidar com a quotidianidade de forma diferente de qualquer outro género, pois a linguagem utilizada aliada à autonomia do género possibilita ao cronista agregar à narrativa diferentes tonalidades de sentido, onde a literariedade não lhe é alheio.

Estas possibilidades só acontecem devido ao seu carácter multifacetado, onde a literatura se revela, puro e simplesmente, como mais uma faceta dessa metamorfose género.

PARTE III

Crónica no panorama cultural atual cabo-verdiano

No contexto cultural cabo-verdiano, a crónica, como género, tem merecido atualmente especial atenção sobretudo nos meios de comunicação social. Basta abrirmos um jornal para nos depararmos com crónicas de diversa natureza, muitas delas, com preocupação social.

Outras vezes, a rádio torna-se o espaço privilegiado para chegar a um maior número de interlocutores. Exemplos mais flagrantes são as radiodifundidas matutiname, pelo cronista Daniel Medina, posteriormente, publicadas em livro, das quais cinco (05) serão objeto da nossa análise.

Ultimamente, muitas dessas produções radiodifundidas e dispersas pelos jornais estão a ganhar um novo formato, ou seja, são impressas em livros. A título ilustrativo, destacam-se as crónicas de Fernando Carrilho, de Vadinho Velinho, Daniel Medina e Manuel Brito Semedo, sendo que as do último autor foram publicadas no pretérito mês de janeiro do corrente ano.

Por outro lado, devido à dinâmica que se assiste nos meios de comunicação online, também, os *blogues* e a imprensa *online* se tornaram espaços privilegiados para dar a conhecer muitas produções desse género. Dois exemplos flagrantes, no panorama literário cabo-verdiano, são o de João Branco, no seu blogue que se intitula “*Café Margoso*.”⁴ e o de Brito Semedo “*Na Esquina do Tempo*”⁵

Sobre a tradição cronística em Cabo Verde, Brito Semedo⁶, teórico e crítico literário, a propósito do livro de *Crónicas que a Vida Conta: Pensem Nisso!* de Daniel Medina, afiança que:

“existe uma longa tradição de crónicas veiculadas pela imprensa escrita, cultivadas pelos nossos melhores jornalistas e escritores, nomeadamente Eugénio Tavares (Brava,

⁴In cafémarginoso.blogspot.com

⁵ Estas crónicas acabaram de ser editadas em livro (em janeiro de 2014) pela editora *Ponto e Vírgula* e facultam-nos uma oferta de leitura que nos permite percorrer, num tempo remoto, os becos e as ruas da cidade do Mindelo, dando-nos a conhecer as histórias do próprio cronista, da cidade e das suas gentes.

⁶In *Esquina do Tempo, Magazine Cultural Online*, disponível em brito-semedo.blogs.sapo.cv

1967- 1930), José Lopes (S. Nicolau, 1972- 1962) e Afro, ou melhor, Pedro Cardoso (Fogo, 1980-1942), mantendo-se até aos nossos dias, de que Daniel Medina é um exímio cultor.”

Aqui apercebemo-nos que a crónica tem sido, ao longo da nossa curta história, como nação, constantemente, praticada e, seguramente, reinventada, pois a sua dimensão estética semântica permite que isso aconteça, tornando-se, com o toque dos nossos ilustres escritores, pródiga na nutrição de vários “egos” tendo sempre em consideração a dimensão pragmática a que foi produzida e, certamente, moldado, através da sua dimensão pedagógica, os “*mores populi*” cabo-verdianos.

Ainda sobre a prática evolutiva desse género, no arquipélago, o mesmo estudioso, acrescenta que:

“a partir de 1955, com o nascimento da Rádio Barlavento, viriam a surgir as crónicas radiofónicas. Em 1956, Baltasar Lopes leria os seus ‘apontamentos’ intitulado “Cabo Verde Visto por Gilberto Freire” e, nos anos 60, o poeta Sérgio Frusoni (São Vicente, 1901-1975) e João Cleófas Martins, de facto, Nhô Djunga, fotógrafo (1901-1970), faziam sucesso com as rubricas ‘*Mosaico Mindelense*’ e ‘*Roupa de Pipi*’ e ‘*Bom Senso*’ respectivamente.”

Posto isto, podemos questionar para que temáticas, as crónicas seleccionadas, nos remetem? Que preocupações são objeto das suas deambulações? De que forma o *ethos* se torna evidente nestas composições? Tais produções são de carácter exclusivamente literário? Que recursos retórico-discursivos lhes permitem ser umas? Será que é possível descortinar linhas temáticas transversais? Se sim, que preocupações as aproximam? Que funções da linguagem, nelas, permanecem?

Para tentarmos responder a estas e a outras questões, seleccionámos, aleatoriamente, dez (10) crónicas de dois escritores cabo-verdianos reunidas, em livro, a partir do ano 2000. Como não seria possível fazer um estudo diacrónico e exaustivo das obras desses escritores, pois, neste contexto, não é esse a nossa intenção, optámos por escolher algumas crónicas, sem qualquer intenção de excluir, rotular ou vangloriar umas em detrimento de outras, embora, de antemão, saibamos que qualquer escolha poderá ser sempre contestada.

Deste modo, optámos por analisar cinco crónicas de cada autor, num total de dez. Assim, a nossa análise procurará centralizar-se numa análise retórico-discursiva, visando,

também, destacar o *ethos* discursivo e certificar que tipos de discursos estão patentes nas crônicas em análise.

A importância do *ethos* na análise do género crónica

Este conceito (*ethos*) remonta já Aristóteles, aparecendo na sua concetualização triádica (*logos/ethos/pathos*), e tem ganho uma dinâmica nos estudos linguísticos e retóricos.

Assim, ao longo da história da análise linguística, a utilização do conceito nunca foi estático e, na contemporaneidade, muitos são os teóricos que lhe têm consagrado algumas pesquisas dos quais se destacam Eggs (2005), Amossy (2005), Charaudeau (2006), Maingueneau (2006), Pelerman, entre outros.

Para melhor compreensão do termo, invocaremos algumas correntes linguísticas e, numa perspetiva diacrónica, tentaremos examinar a amplitude do mesmo, desde a sua dimensão retórica (Aristóteles), passando pela pragmática (Amossy) até à enunciativa (Maingueneau).

Na retórica aristotélica, de acordo com Rodrigues (2008:196), para a eficácia do discurso colaboram os três conceitos: o *ethos*, *pathos* e *logos*, consideradas as três provas engendradas e garantidoras da persuasão, que são qualidades que o orador deve demonstrar ao proferir um discurso. O primeiro relaciona-se com o carácter moral do orador, o segundo com a disposição do ouvinte e o terceiro com o discurso em si. Assim, de acordo com Aristóteles, persuade-se pelo carácter (*ethos*), pela disposição dos ouvintes, quando estes sentem emoção (*pathos*) e pelo discurso em si (*logos*).

A persuasão obtém-se quando proferida de maneira a deixar o auditório a impressão de que o carácter do orador torna digno de fé, de confiança e de credibilidade.

Para o filósofo, o orador é simbolizado pelo *ethos*: a sua credibilidade assenta na sua honorabilidade, na sua virtude, em suma, no seu carácter e na confiança que nele se deposita. Se colocarmos a tónica no *ethos*, o papel do orador é determinante na retórica.

Sempre que um orador pretende persuadir um auditório tem possibilidades de usar diferentes meios de persuasão. Uma argumentação baseada no *ethos* ocorre quando o

próprio discurso (e não, por exemplo, a aparência física) causa no auditório a impressão de que o orador é digno de confiança.

Para inspirar confiança, o orador deve revelar inteligência prática, um caráter virtuoso e boa vontade. Se conseguir tais objetivos terá mais probabilidades de persuadir um auditório.

O *ethos* é, pois, o tipo de argumentação em que o discurso do orador põe em destaque as virtudes do seu caráter. O discurso valoriza o caráter moral do orador, o que torna mais provável que o auditório venha a ser seduzido e adira às teses do orador. É, em grande parte, por ficar convencido das virtudes e do caráter moral do orador que o auditório adere às ideias do orador, sendo o discurso, e não qualquer outro facto, que realça as qualidades humanas do orador. Se as virtudes do orador não forem acompanhadas por argumentos adequados, pode-se chegar à manipulação (...).

Falar sobre o *ethos* implica, necessariamente, uma análise, numa perspetiva evolutiva. Como foi, anteriormente, exposto, o conceito desde a sua origem na cultura helénica, tem merecido várias abordagens que parecem não se esgotar ao longo da história, algumas delas próximas da do seu mentor, outras mais englobantes.

Um dos estudiosos que lhe dedicou uma atenção especial foi Eggs. Eggs (2005), segundo Rodrigues (2008: 197), apropria-se do *ethos* aristotélico e faz uma releitura. Para o investigador, encontramos no filósofo grego dois campos semânticos relacionados com o conceito que suscitam contradições, porém, na sua perspetiva, correspondem tão-somente aquilo que, na sua plenitude, representa o verdadeiro *ethos*, indispensáveis a qualquer atividade argumentativa, sendo entendidos como “a realidade problemática de todo o discurso humano” (Eggs:2005). O primeiro funda-se na moral, na qual se encaixam atitudes e virtudes pautados pela honestidade, benevolência ou equidade, e o outro de sentido mais objetivo, neutro e sem afetações, no qual se adequam hábitos, modos e costumes e caráter. Eggs, numa reinterpretação da conceção triádica aristotélica, redu-la a uma dimensão dupla.

Rodrigues (2008:199) acrescenta que o autor, ao invés de três, apresenta-nos dois blocos de convicção. O *ethos* e o *pathos* situam-se no mesmo bloco, isso porque estão necessariamente ligados a uma situação específica, assim como os indivíduos concretos

nela implicados. O *logos*, por sua vez, convence *em si mesmo* e por *si mesmo*. É a partir dessa reesquematização que Eggs (2005) realiza um salto qualitativo em relação à noção do *ethos*, ampliando-o. Assim, no *ethos* passa a articular as três qualidades para a eficácia discursiva: racionalidade (*logos*), sinceridade (*ethos*) e solidariedade (*pathos*).

Uma outra investigadora que tem dedicado quase a totalidade da sua pesquisa ao conceito é Ruth Amossy, e dada a centralidade das suas reflexões, iremos ancorar a nossa abordagem na perspectiva desta linguista. De acordo com a investigadora (2005: 121) o locutor só pode representar seus interlocutores se os relacionar a uma categoria social, étnica, política ou outra.

Amossy (2005) é, também, de convicção que a construção da imagem de si é a principal engrenagem que faz funcionar a máquina da retórica quer seja oral ou escrita. Assim, a imagem que se constrói de si no discurso designa-se por *ethos*.

Amossy, de acordo com Rodrigues (2008: 1999), assenta os seus estudos na confluência de três disciplinas: a retórica, a pragmática e a sociologia dos campos.

Se na concepção aristotélica, o *ethos* é uma característica individual e individualizadora do sujeito enunciador, num contexto oratório específico, na de Ruth Amossy sobressai a ideia da construção da imagem de si no discurso ligada à enunciação. Deste modo o *ethos* inscreve-se numa troca simbólica, regida por normas, por mecanismos sociais e posições institucionais exteriores, o que lhe faz adquirir uma dimensão extra-discursiva. A mesma autora para demonstrar a viabilidade dos seus estudos recorre à pragmática perelmaniana⁷(1989) para sustentar a ideia da argumentação com aplicações

⁷Chaim Perelman, um dos teorizadores do *ethos* da argumentação contemporânea, redimensionou a investigação da retórica, ao demonstrar o lugar central, em diversas disciplinas, da arte de persuadir ou o conjunto dos meios verbais destinados a obter ou reforçar a adesão do auditório às teses submetidas ao seu assentimento. Na sua teoria de argumentação, realçou que é possível sempre demonstrar a veracidade dos factos e das proposições lógicas e matemáticas, mas nunca de um juízo de valor, que será sempre controvertido. Os conceitos de acordo e auditório afiguram-se imprescindíveis para a nova retórica perelmaniana. O acordo tem que ver com as técnicas do discurso que permitem provocar ou aumentar a adesão do espírito às teses. O auditório representa, por sua vez, o conjunto de todos aqueles que o orador quer influenciar mediante o seu discurso. O conhecimento do auditório é relevante para a eficácia da argumentação, uma vez que o orador sempre fundamentará seu discurso sobre determinados acordos prévios do auditório.

sociológicas. Para fundamentar, assim, aquilo que se denomina por *doxa comum*, ou seja, a imagem pública que se incide sobre o orador, ou melhor, o saber prévio do auditório partilhado essencial para a construção do *ethos*, que na conceção de Maingueneau nada mais é do que o *ethos pré discursivo*, Amossy recorre a Perelman (1989:362), sublinhando:

“um orador só poderá desenvolver sua argumentação se se ativer às teses admitidas por seus ouvintes, caso contrário corre o risco de cometer uma petição de princípios. Resulta desse facto que toda a argumentação depende tanto para suas premissas, quanto para o seu desenvolvimento, principalmente, do que é aceite, do que é reconhecido como verdadeiro, como normal e verosímil, como válido: desse modo ela se ancora no social, cuja caracterização se dependerá da natureza do auditório.”

Retomando o excerto acima constatamos que o orador é fundamental para a construção do auditório, pois a interação faz-se a partir da imagem que aquele constrói a partir deste. Realce-se, neste contexto, a pertinência do processo interativo no qual o auditório, assim como as crenças partilhadas entre orador e os interlocutores são deveras importantes, sendo que o social é de extrema utilidade para a interação argumentativa, o que permite Amossy delinear um *ethos* que já não é exclusivamente intrínseco ao discurso.

Amossy (2005: 127) resume o *ethos* como um conjunto das características que se relacionam à pessoa do orador e à situação na qual esses traços se manifestam que permitem construir sua imagem. Se esta é sempre em última instância singular, é preciso ver, entretanto, que a reconstrução se efetua com a ajuda de modelos culturais que facilitam a integração dos dados em um esquema preexistente.

A investigadora, ao problematizar a sua teoria sobre o *ethos*, preocupa-se em saber se este se revela pela *autoridade institucional* ou pela *construção discursiva*. Assim, põe em evidência que a *autoridade institucional* e a *construção discursiva* são inseparáveis, ou seja, a sua teorização demonstra-nos uma complementaridade entre as duas instâncias para a qual contribui a retórica e a pragmática, imprescindíveis à construção do *ethos* e à legitimação *da cena de enunciação* (Maingueneau: 2006), sem preponderância para nenhuma destas disciplinas.

Um outro teórico que fez uma releitura do *ethos* é Dominique Maingueneau. Maingueneau (2006) apropria-se do conceito, numa perspectiva da análise do discurso, não se afastando em demasia da concetualização anterior.

Após a sistematização dos principais conceitos relativos ao *ethos* discursivo, concluímos que este se reveste de extrema pertinência para o estudo da análise do discurso, principalmente, do género que serve de suporte da nossa investigação. Se na antiga retórica o *ethos* desempenhava um papel preponderante no ato persuasivo, com Amossy e Maingueneau amplifica-se o seu âmbito de alcance, deixando de ser tomado na sua dimensão estritamente persuasiva compreendendo, desta feita, a vertente enunciativa, pois passa a estar ligado ao ato enunciativo do sujeito enunciador.

ANÁLISE DAS CRÓNICAS

Principiámos a nossa abordagem com cinco crónicas literárias de Salústio,⁸ crónicas impressas no livro *Mornas eram as noites*, que se contabilizam num total de trinta e cinco. Para nós, tal como Avani Silva (s/d: 7-8) crónicas, visto que as narrativas, de acordo com a sua estrutura, se caracterizam como textos breves, abordam acontecimentos do quotidiano cabo-verdiano, de curta duração, com reduzido número de personagens, espaço conhecido e compartilhado com o leitor, tendo todas a valência de incitar uma reflexão sobre um determinado facto, comunicando com o leitor as suas mais diversas preocupações.

Mornas eram as noites, título do qual sobressai o vocábulo “*mornas*” que, na ótica de Simone Caputo Gomes (2000: 15), pesquisadora e entusiasta apresentadora dessa escritora, adquire diferentes significados. É a “modalidade musical típica de Cabo Verde que veicula a poesia oral. Além de ser, tradicionalmente, um canto de mulheres, muito cultivado em Cabo Verde, as mornas são verdadeiras crónicas vivas e expressivas da vida do cabo-verdiano, podendo exprimir a dor, a alegria, a nostalgia, os problemas existenciais, a esperança. Trata-se, enfim, de um género musical de enorme plasticidade, que se diversifica em cada uma das ilhas do arquipélago. A morna é música da nacionalidade e da identidade cabo-verdiana.”

Corroboramos, na íntegra, essa visão, pois as crónicas, como nos sugere o título, deixam-se atravessar por uma certa inquietação através das suas angustiantes histórias, ainda que outras delas hilariantes, servindo-se de temáticas do quotidiano das ilhas, que cercam a articulista, atenta por sinal, com o intuito de conduzir o leitor a cenas sobre a condição do homem, ou melhor, da mulher (a maior parte dos textos possui como protagonista a figura feminina) na sua luta diária para sua sobrevivência e conquista do seu próprio espaço na sociedade.

⁸ Dina Salústio (Bernardina de Oliveira Salústio) nasceu em Santo Antão, Cabo Verde. Professora, Assistente Social e jornalista, trabalhou em Portugal, Angola e Cabo Verde. Tem colaboração em prosa e em poesia na imprensa cabo-verdiana e no estrangeiro. Em 1994 foi-lhe atribuído o primeiro prémio de literatura infantil cabo-verdiana e no mesmo ano publicou *Mornas eram as noites*, uma coletânea de trinta e cinco composições. Membro da Associação dos Escritores Cabo-verdianos, participou na Antologia de *Poesia Cabo-verdiana Mirabilis de Veias ao Sole* na colectânea *Cabo Verde: Insularidade e Literatura*, tanto na versão portuguesa como na francesa. Em 1999 ganhou o 3º prémio da literatura infantil dos PALOP. *As obras Estrelinha Tlim Tlim e A Louca do Serrano*, o seu primeiro romance, foram editados em 1998.

Quem tiver oportunidade de as ler não ficará alheio a um sujeito de enunciação comprometido com os mais diversos dramas sobre os diferentes tipos e categorias sociais, dos quais a condição feminina é absorvida, em muitas circunstâncias, por aspetos que a dilaceram, como ser humano, dos quais podemos, de entre outros, citar a miséria, a violência, a prostituição, o abandono infantil, o binómio ser/parecer, a gravidez precoce, a problemática da educação arreigada em crenças e valores seculares, onde a figura feminina detém um papel preponderante.

Estas composições cronísticas fazem parte de um contexto sócio histórico específico que, de uma visão, essencialmente, crítica, nos dão a conhecer alguns problemas vivenciais do povo cabo-verdiano, que, de certa forma, se distanciam dos outrora ventilados no panorama literário cabo-verdiano, dos quais podemos assinalar a seca e a emigração.

Numa análise do exterior, Avani Silva (idem:8), investigadora brasileira, é de parecer que os textos cronísticos de Salústio são como uma lente grande angular sobre Cabo Verde, por intermédio da qual sabemos como é a vida nesse país africano, como as moças são levadas à prostituição, como renunciaram aos seus sonhos, como as mulheres chefiaram os seus lares, como lutam para criar os seus filhos e de como mantêm a esperança em dias melhores.

Opinião similar tem Salgado (2008:38) ao assinalar que a maior parte das curtas histórias constrói-se como instantâneos de cenas contundentes, muitas vezes angustiantes, algumas vezes bem-humoradas e outras até plenas de sonho e esperança.

Numa dimensão prática, para testarmos a veracidade das observações já anunciadas, encetamos a nossa reflexão com a crónica “*Filho és, pai serás.*”⁹

⁹vide crónicas de Salústio, in anexo 1

1. Crônicas de Dina Salústio

1. 1. Filho és, pai serás

Esta composição, como o título indica, abre com um provérbio que, na cultura cabo-verdiana, assume, como atestado pela própria cronista, um sentido bastante substancial.

Este provérbio integra o acervo proverbial português, sendo, como é sabido a língua portuguesa, a do colonizador que, no arquipélago, só se usava, em situações formais de comunicação, e que, em tempos, impunha um certo respeito ao colonizado e, por conseguinte, uma certa subjugação.

No contexto desta crônica, o provérbio serve como estratégia para a educação dos filhos.

A mãe da personagem narradora, ao constatar que a filha não lhe felicitara no dia das mães, socorre-se do provérbio com o intuito de lembrá-la e, ao mesmo tempo, educá-la, demonstrando-lhe que, hoje, filha, posteriormente mãe, colherá os frutos da educação inculcada nos seus descendentes.

Num tom predominantemente pedagógico e, ao mesmo tempo, atemorizador, a mãe da personagem narradora faz uso da máxima para admoestar a filha em relação à sua ingratidão nada abonatória e levá-la a refletir sobre o estado de coisas, por si, vivenciado no dia das mães. Deste modo, através da voz proverbial materna, a personagem, como forma de disciplinar e subjugar a filha, demonstra a sua autoridade natural (de mãe para filha), para marcar a sua autoridade sobre alguém que lhe deve obediência. Diríamos, por isso, que o provérbio adquire, neste contexto, um efeito catártico. Efeito esse que é testado novamente na vertical, de mãe para filho.

A personagem narradora, após escutar a repreensão da mãe, resolve ela também telefonar ao “codê”¹⁰ para lhe dar os parabéns. É nesse mesmo instante que o filho deixa claro que, naquele dia, não havia motivo aparente para tal gesto, pois seu aniversário ainda não chegara.

¹⁰ filho mais novo

Entre uma irónica conversa, o filho descobre que a progenitora queria adverti-lo por se ter esquecido de lhe felicitar, no dia das mães, como já lhe tinha acontecido.

A mesma estratégia é utilizada pela personagem mãe em relação ao outro filho, porém, este, com uma certa sagacidade, responde-lhe, de pronto, que todos os dias são dias da mãe e que essas efemérides são utilizadas como mero pretexto económico.

Sem argumentos, a progenitora invoca, novamente, o atemorizador e vaticinador provérbio que cheira à praga ao filho. Amedrontado e submetido ao poder da mãe, o visado telefona-lhe de volta, questionando se o que tinha proferido antes era verídico. Então, numa conversa cómica, os dois riem-se da situação. É através dessa interlocução que podemos constatar a perda dos valores ancestrais que, outrora, os provérbios detinham na sociedade.

Esta crónica assume, desta feita, uma crítica à própria sociedade que, na nossa perspetiva, adquire um duplo sentido. O de trazer à superfície uma reflexão sobre a forma de educar os filhos assente em valores ancestrais, que parecem extinguir-se, e outro uma crítica à própria sociedade de consumo, que aproveita as efemérides para a compra desmesurada de produtos para a satisfação do “ego” das pessoas, em vez de uma simples troca de afetos, que dinheiro algum é capaz de comprar.

1.2. Para Quando Criança de Junho a Junho?

Crítica é, também, a que se pode constatar na crónica “Para Quando criança de Junho a Junho?”

Nela, a cronista, como mera espetadora, observa uma situação reprovável, a agressão física de um grupo de estudantes a um doente mental, uma atitude que lhe causa uma certa indignação, a qual lhe obriga a um questionamento retórico permanente, impondo-nos uma reflexão que nos leva, também, a indagar sobre quem a responsabilidade do ato.

A cronista, através de um discurso declaradamente de sublevação, que se amplifica, gradativamente, à medida que responsabiliza os pais e a própria sociedade para as consequências da barbárie cometida pelas crianças, remete-nos a uma problemática social, a do abandono infantil, que se manifesta pela rebeldia daqueles que, na perspetiva do sujeito enunciator, nunca deveriam lançar outros sons que os da alegria e da esperança. Ao invés de sorrisos e gracinhas de crianças, estas transformam-se em feras, agredindo uma pessoa indefesa, esquecendo-se dos livros e dos cadernos abandonados na valeta, que, conjuntamente com as brincadeiras, lhes seriam o único motivo das suas ocupações.

A cronista, num discurso pautado pelo inconformismo da situação vivenciada, permite ao leitor levantar a seguinte questão: serão as crianças as principais responsáveis da situação vivenciada?

Para uma resposta que nos parece tão óbvia, através do discurso meditativo e bastante contundente, a narradora desresponsabiliza-as, o que é visível nas palavras de uma das personagens que, neste caso, representa a voz de todos os órfãos de pais vivos: “*se vires meu pai, pergunta-lhe se me conhece.*”

Podemos observar, então, que o sujeito enunciator atribui, paulatinamente, essa responsabilidade à paternidade irresponsável, visando a própria estrutura familiar e a sociedade, em si, que permitem que, na sociedade, se experienciam situações do tipo. Tal raciocínio encontra-se sustentação nas palavras desse ato reflexivo do sujeito enunciator

que demonstra a sua preocupação não só em relação ao desamparo infantil, senão a outros problemas: *‘Doentes abandonados. Crianças impiedosas. Pais desconhecidos. Filhos sem amor. Até quando? Para quando crianças de Junho a Junho?’*

Outro aspeto curioso, nesta composição, é a pergunta retórica que a intitula: *‘Para Quando Criança de Junho a Junho?’* Esta questão carrega a preocupação da cronista em ver esta faixa etária realizada na sua plenitude, sem problemas, com sorrisos, com pais presentes, enfim crianças alegres, porém, todos os dias, ou melhor, de junho a junho.

Aqui o mês de Junho resguarda-se de um sentido relevante na medida em que este é o mês das crianças, mês em que a atenção de toda a família e da sociedade é-lhes depositada, por muitos lembrados somente no primeiro dia do mês de junho de cada ano, sendo assim a razão desse implícito questionamento: o dia das crianças não deveria ser todos os dias?

1.3. Forçosamente Mulher, Forçosamente Mãe

1.4. Sem Idade Sem Verdade

Em “Forçosamente mulher, forçosamente mãe¹¹ e “Sem Idade sem verdade¹²”, o tema é o da gravidez precoce, gravidez que pesa e destroça os sonhos de adolescentes, que transparecem na angústia e indignação da articulista que parece, por seu turno, transportar toda essa dor, a de uma adolescência interrompida, que vivida de forma ingénua por parte das futuras mães, transfere essa preocupação dilacerante a uma narradora comprometida com a situação envolvente. Narradora que se perde numa atitude reflexiva e questionadora, de modo a fazer, também, refletir o leitor. Para criar tal efeito, o sujeito enunciador interpela as personagens, provoca-as, confronta-as: *‘Que é das conchinhas? Que é dos sonhos? Hoje carrega penosamente uma barriga enorme. Sozinha.’ (...)* Não te perguntei a idade. Para quê? ‘

Esse permanente questionamento às personagens, pelo inconformismo do narrador, revela-se infrutífero por causa da inconsciência das futuras mães: *‘Olhei para ti e nem me perguntaste porque de repente ficara tão triste. E deixei-te ir. Leve. Suave. Feliz. Sem idade. Sem verdade.’*

O seu fracasso aparente, nesse seu disfarçado diálogo, com as personagens revelar-se-á, certamente, fecundo com o leitor. Não serão, pois, as personagens, com as suas dores, angústias, frustrações, a razão para atingir os próprios leitores e, desta forma, a sua consciencialização sobre a problemática em consideração?

Respondendo à questão propriamente dita, pensamos que essa dimensão dialógica, resultante desse questionamento permanente às personagens, não é apenas uma estratégia mediadora mas sim uma versão do conflito a qual favorece uma atitude consciencializadora em relação aos problemas sociais, às situações injustas e desequilibradas.

Esta estratégia discursiva é fruto de um processo intelectual cuja intenção última é agir sobre o alocutário de modo a tomar parte dos mais variados sentimentos da cronista.

¹¹ Vide crónica de Salústio, in anexo 1

¹²idem

1.5. Tabus em Saldo

Na crónica “*Tabus em Saldo*”¹³, o sujeito enunciador, numa pura demonstração de humanidade e de cidadania, empreende uma corrosiva apreciação sobre uma problemática que, infelizmente, sob o andar dos nossos dias, assola muitas sociedades e, na da articulista, não passa despercebida. Esta situação revoltante é-nos trazida pelo olhar incisivo de Salústio, sob a forma de desabafo.

Num discurso eminentemente irónico e de revolta, a partir da visualização de uma filmagem pornográfica infantil americana, a cronista ridiculariza a forma como uma sociedade machista desvaloriza a condição feminina. Assim, em prol da denúncia de uma situação condenável, a articulista percorre os esconderijos privados desta sociedade e desmascara a hipocrisia de uma comunidade que encobre e alimenta a prostituição infantil, a que mais fere a dignidade da condição feminina, a que, na perspetiva da cronista, mais dói, ou melhor, que mais dilacera o coração humano.

As mulheres que, nas palavras da cronista, são de todas nós deveriam e mereceriam ser respeitadas como tal. Ao invés de serem protegidas, são usadas como objeto sexual, motivadas por atos materialistas de oportunistas que acabam por alimentar e aguçar o apetite dos homens menos escrupulosos, os que talvez não tenham tido mãe, irmã ou filha, os que ainda não se contentaram, na opinião do sujeito enunciador ‘*com a candura das meninas europeias, a sedução das orientais, a instrumentalização das meninas da América do sul e do norte*’, os que aproveitam, sem qualquer sentimento de humanidade, da fragilidade das meninas adolescentes que, mesmo nas escolas onde deveriam ser instruídas, educadas e precavidas a propósito são aliciadas para as expor aos olhos dos famintos e predadores humanos a troco do nada. ‘*E por isso vamos, outros de nós, aos liceus, às escolas para as envolver em collants e transparênciase expô-las em fotos aos instintos curiosos de outros.*’

Enraivecida com esta situação, aproveita, a cronista, para atacar uma sociedade onde valores humanos são esquecidos, onde tudo, assim como a dignidade feminina é explorada

¹³ Vide crónica anexo 1

a troca do nada, onde tudo se torna económico, até os sentimentos. *'Barato como nós, a nossa autenticidade, as ambições, os sentires, o orgulho e a existência.'*

Esta composição é, na verdade, mais do que uma chamada de atenção sobre uma problemática inquietante e fraturante, é o colocar do dedo numa ferida assente na prática de uma hipocrisia social exposta, muitas vezes, sem qualquer pudor que jamais deveria existir em qualquer sociedade pois nada engrandece a dignidade e o progresso humano, que além de assolar longínquos países, passou a fazer parte do quotidiano cabo-verdiano.

Salústio, com esta temática, discorre de numa ampla visão, partindo do geral para o particular, demonstrando, a um só tempo e a uma só voz, o repúdio para esta situação vivenciada.

Ao tocar num aspeto tão sensível como é o da prostituição infantil, aliada à miséria humana, à falta de consciência, apela, a cronista, ao nobre sentimentalismo, criticando os prevaricadores sociais que, nesta crónica, aparece representada na imagem do fotógrafo, caçador de corpos.

Esta crónica representa, em síntese, o clamor de auxílio de uma personalidade preocupada com os rumos atuais de uma sociedade, grito este que se estende e se ecoa, em forma de denúncia, a todas os quadrantes da sociedade, em busca de ação para pôr cobro a esta torturante desvio social.

Aspetos gerais sobre a cronística de Salústio

Proferiríamos, em jeito de remate, que Salústio, ao assumir-se como uma observadora atenta da realidade que a circunda, interpela, questiona, problematiza, incita, provoca o leitor de modo que este adira à sua perspetiva pessoal sobre o facto, levando-o, de seguida, a questionar-se sobre os mais variados problemas sociais, os que estilhaçam o homem cabo-verdiano, fruto das suas observações, que continuem, por vezes, impercetíveis, à vista desarmada.

Diríamos, em suma, que estas crónicas, sob as mãos de Salústio, enceram uma tentativa de atizar consciências face às urgentes inquietações de uma sociedade que carece de atenção.

Relativamente às temáticas ventiladas, afirmaríamos que as mesmas veiculam uma perspetiva humanitária. Estas produções cronísticas, consequências da atenção especial dedicada aos problemas das mulheres adolescentes, das crianças abandonadas, dos doentes mentais, da paternidade irresponsável, onde se apuram assuntos como a educação em “Filho és, Pai Serás”, o abandono infantil e o descaso com os deficientes (doentes mentais) em “Para Quando Criança de Junho a Junho”, a gravidez precoce em “Forçadamente Mulher, Forçosamente Mãe” e “Sem Idade, Sem Verdade” a prostituição infantil em “Tabus em Saldo” e outras como a tristeza, a solidariedade, em outras composições da autora, fazem jus à nossa afirmação.

Não seria, por isso, engano dizer que estas composições carregam temas os quais se relacionam com os dramas do quotidiano, com os problemas sociais, com os valores e sentimentos que enformam a idiosincrasia do homem cabo-verdiano que, sob a pena de Salústio, se transformam em autênticas lições, ao despertar consciências, carregando, deste modo, uma certa preocupação cívica e participação na construção de um Cabo Verde mais humano e mais equilibrado material e espiritualmente.

Centralizemos, agora, a análise dessas composições tendo em consideração o conceito de *ethos* do sujeito enunciatador.

Em termos do *ethos institucional*, ou melhor, aquilo que Amossy prefere designar por *ethos prévio*, as crônicas não trazem qualquer referência sobre o sujeito extra discursivo. Se quisermos, poderemos, todavia, através do contexto extra textual inferir informações sobre a cronista que nos permitirá reconstitui-lo. Atestaríamos que Salústio é uma profissional que já exerceu funções de professora, assistente social e jornalista, em Portugal, Angola e Cabo Verde, para além de já ter colaboração em prosa e em poesia na imprensa cabo-verdiana e estrangeira, como consta na sua biobibliografia, tornando-se, assim, numa pessoa que lida com factos do quotidiano e diferentes personalidades, na sala de aula e noutras instituições de cariz social, o que a torna uma entidade apta para conhecer o ser humano na sua dimensão multifacetada: psicológica, cognitiva, axiológica e afetiva.

A sua trajetória como profissional, em diferentes países e áreas, levaríamos a construir um *ethos pré discursivo* que nos permitiria projetar uma pessoa de apreço, ponderada, sensível, segura e conhecedora de certas questões sociais com uma certa idoneidade e prestígio na sociedade, principalmente, na cabo-verdiana onde professores, jornalistas e escritores gozam de um estatuto diferenciado em relação a outras classes profissionais.

Se nos debruçarmos sobre estas composições, apercebemo-nos, claramente, que as escolhas lexicais e discursivas assumidas pelo sujeito da enunciação fazem com que distingamos uma transmutação do *ethos prévio* ou *institucional* para o *discursivo*.

Em relação ao *ethos discursivo*, atestamos a presença da imagem de um sujeito preocupado com certas situações vivenciadas na sociedade, situações essas que nos possibilita averiguar uma pessoa indignada, por exemplo, com a gravidez precoce nas crônicas “Forçadamente Mulher, Forçosamente Mãe” e “Sem Idade Sem Verdade”, revoltada com o abandono infantil em “Para Quando Crianças de Junho a Junho” e crítica com a perda de valores na sociedade “Filho és, Pai Serás” e “Tabus em Saldo”.

Assim, tendo em atenção a perspetiva do *ethos* em Maingueneau, revelaríamos que o *tom discursivo* é, marcadamente, de revolta e de indignação, fruto do estado psicológico demonstrado pelo sujeito enunciador ao longo das suas meditações.

No que concerne às características textuais e discursivas, evidenciadas nas crónicas de Salústio, sobressai a brevidade e um implícito dialogismo.

Nota-se que são textos bastante concisos e incisivos que põem a nu, de forma magistral e expressiva, a intenção da cronista, dando-nos, por outro lado, a impressão de que o discurso patenteado, nestes textos, interpela as personagens com intuito de atingir os leitores, num diálogo disfarçado, permitindo a partilha de opiniões e a interseção de olhares, num pleno convite a meditações.

A subjetividade, através da pessoalidade discursiva, ou da reação pessoal da cronista, aquando da narração dos factos, acaba, também, por ser uma das características mais relevantes, no processo de textualização já que o *'ego'* está sempre presente na construção do sentido textual. O mesmo evidencia-se, por um lado, através das marcas linguísticas e, por outro, a partir da sua ideologia e/ou da intenção comunicativa. Em relação às primeiras (marcas linguísticas) nota-se a presença de verbos, pronomes pessoais e determinantes possessivos na primeira pessoa do singular e do plural, adjetivos valorativos, recursos expressivos, pontuação sugestiva, entre outros recursos. No que tange ao segundo (intenção comunicativa), sobressai o estado de espírito da cronista sempre que reflete sobre as temáticas que a inquietam, deixando escapar de, entre outros, os sentimentos de revolta, indignação, dor, angústia, perplexidade, inconformismo. Constatate, por conseguinte, que a narração é feita, geralmente, na primeira pessoa discursiva, fazendo com que as crónicas apresentem uma visão muito pessoal sobre um determinado assunto.

Outro aspeto a destacar, em termos linguísticos, são as funções da linguagem a que socorre a cronista para as suas recensões.

Constata-se, nestas crónicas, que a função emotiva e ou expressiva é uma constante, pois os sentimentos do sujeito enunciativo em relação às problemáticas, em análise, acabam por vir ao de cima. Assim, a revolta, a incredulidade, a tristeza perante à gravidez precoce, ao abandono infantil e à prostituição, reforçadas pela função apelativa da linguagem, fruto do permanente questionamento sobre o estado de coisas vivenciado dão vazão a um discurso predominantemente parcial da qual vem à tona um sujeito enunciativo subjetivo:

‘Retomo o caminho interrompido. Não sei quanto tempo tinha decorrido. Que relógio é capaz de medir o tempo da violência? Em mim, era noite. Tristemente noite.’

Vê-se, portanto, que as funções conativa e expressiva da linguagem são transversais a quase todas as crônicas salustianas, sempre que tenta agir sobre o interlocutor, fazendo que este reflita sobre o estado de coisas resultantes da constante indagação e insatisfação na busca de uma comunhão de ideias e sentimentos que, certamente, quererá arrebatá-lo, envolvendo-o e atraindo-o. Tomemos como exemplo, uma das muitas passagens da cronística salustiana:

‘Em Setembro fará calor. Para Setembro Paula terá seu filho. Ainda há dias ela ria e dançava pelos cantos. E juntava conchinhas cor-de-rosa na praia. E colecionava sonhos. Que é das conchinhas? Que é dos sonhos? Hoje carrega penosamente uma barriga enorme. Sozinha.’

Em termos retórico-discursivos, torna-se visível o uso reiterado de recursos expressivos e estilísticos como adjectivação abundante e enumerações cujo intuito é deixar vincada, na mente do leitor, a sua intenção comunicativa que, por exemplo, na crônica “Para Quando criança de Junho a Junho?” é a de indignação e revolta ‘(...) Não te perguntei a idade. Deixei-te ir. Leve. Suave. Feliz. (...) O homem indefeso, confuso, louco, impotente...’ Recursos estilísticos como a metáfora ‘(...) uma dúzia de rapazes da quarta, que deviam ser crianças que haviam sido transformado em feras...’, perguntas retóricas, aliadas a um discurso metafórico e hiperbolizante, conduzindo-nos, por outra via, a uma imagem um pouco dilacerante, o que faz com que o sujeito enunciador convide a sensibilidade do leitor em busca de uma comunhão reflexiva sobre a problemática em pauta, a da gravidez precoce, o que é notório, por exemplo, nas composições cronísticas “Sem Idade sem Verdade” ou em “Forçosamente Mãe, Forçosamente Mulher”, o que se pode evidenciar neste excerto que se segue:

‘Conseguiria? Como dizer à terra que o orvalho não basta e que a estiagem fere, racha até sangrar? Como? Poderia dizer a um instante que o dia tem muitas horas, muitos meses, muitos séculos? Como dizer ao mar, ao barco e ao sol poente que o ciclone anunciado vem aí? Como?’

Apercebe-se do mesmo modo o uso de períodos cadentes, que nos dão a sensação de que estamos perante um discurso poético. Vide, por exemplo, passagens das crónicas “Para Quando Crianças de Junho a Junho” “Sem idade sem verdade” e “ Forçosamente mulher, forçosamente mãe.”

‘Não sei quanto tempo tinha decorrido. Que relógio é capaz de medir o tempo da violência? Em mim, era noite. Tristemente noite. Uma folha de papel dança com a brisa. Ou tempestade?’

‘Olhei para ti e nem me perguntaste porque de repente ficara tão triste. E deixei-te ir. Leve. Suave. Feliz. Sem idade. Sem verdade.’

‘Queria vê-la com raiva. Revoltada. Decidida. Mas, por Deus, aos dezasseis anos quem pode ter essa força toda? Quem pode estar tão armado?’

A fina ironia reveste-se, também, como uma estratégia discursiva subjetiva, estimulando o leitor às várias possibilidades de interpretação, exigindo que este seja ativo no processo de descodificação do sentido textual. No contexto em que foi utilizada visa convidar o leitor à meditação sobre o assunto em análise. Nota-se, por isso, que essa estratégia discursiva é consciente, reflexiva e intelectual pois a sua dimensão discursiva contraditória é o que se quer despoletar na mente dos leitores na busca da sua adesão. Tal ideia ressaí, por exemplo, na voz de rebeldia de uma das personagens órfã na crónica “Para Quando Criança de Junho a Junho”.

‘(...) Se fosse meu pai, eu não teria pena... Se ele morresse, problema dele...Se eu gosto do meu pai? Se você o vir pergunte-lhe se ele gosta de mim, ou...se...se me conhece.’

A mesma estratégia discursiva é utilizada na crónica “Forçosamente mãe, forçosamente mulher” quando a cronista deixa transparecer a ideia da perda de esperança de uma das personagens com a sua gestação precoce.

‘Mas Paula chora às escondidas. E tem esperança. Ainda. Porque a esperança dos dezasseis anos é a última coisa a deixar-se ir. Mas secará com o primeiro leite do primeiro filho. Secará como os sonhos da adolescente forçadamente mulher. Forçosamente mãe. Para Setembro haverá calor’.

Ou ainda quando se refere ao ‘*homo economicus*’ na crónica “Tabus em Saldo” realçando o materialismo galopante das sociedades modernas em detrimento dos nobres sentimentos e cultura de valores morais.

‘O negócio rende. Cada espiadela vinte escudos, diz-se. Dois rebuçados ao fim e ao cabo. Barato como nós, a nossa autenticidade, as ambições, os sentires, o orgulho e a existência. Dois rebuçados: o custo de uma espreitadela ao clandestino filmado das nossas crianças fêmeas.’

Para além da ironia, a sinestesia, revela-se, em algumas crónicas, sob a forma de invocação de sensações olfativas, visuais, táteis e do uso do pretérito imperfeito, uma estratégia discursiva numa invocação de aspetos memorialistas. É o que acontece na crónica “Sem Idade, Sem Verdade:”

‘Cheiravas a rosa abrindo-se na moleza do sol e tinhas a macieza da terra bebendo o orvalho das manhãzinhas. Trazias inteira a doçura do mar no corpo de um bote ao sol poente e o teu sorriso era a beleza de um instante belo.’

Propositadamente, ou não, a emotividade, o sarcasmo e a meditação acabam por atribuir uma nova roupagem ao referente, em que o ‘eu’ da enunciação não é alheio a este processo.

Um outro mecanismo discursivo empregue por Salústio, nas suas mais variadas composições, é a pincelada descritiva na recriação dos cenários, momentos e situações num implícito convite, também, à sedução do leitor, cujo intuito último é o despoletar da reflexão, fruto das situações observadas. É visível, por exemplo, na crónica “Para Quando Criança de Junho a Junho?”

‘De repente, uma rua larga, agora estreitada pela violência que transborda e agride os caminhantes. Uma dúzia. Talvez menos de uma dúzia de rapazes da quarta, que deviam ser crianças e que se haviam transformado em feras, perseguindo e atacando um doente mental. Livros e pastas esquecidos na valeta. Nas mãos, pedras. Nos gestos, ódio. Olhares frios. O homem no meio, indefeso, confuso, louco, impotente, cada vez mais

agitado pelos uivos dos estudantes que nunca deveriam lançar outros sons que os da alegria e da esperança. Raiva nos adultos que humilhados fogem às pedras.'

Ou na crónica “Tabus em Saldo” quando caracteriza as meninas adolescentes em jeito de ‘coisificação’ da pessoa humana.

‘Não satisfaz mais a orquestrada exploração da candura das meninas europeias, a sedução das orientais, a instrumentalização das americanas do sul e do norte. Não. É preciso vir para mais perto. Temos uma juventude tão bonita que há que se retirar dividendos, transformando-as em objetos de gozo mais sofisticado, em produtos rentáveis.’

A descrição momentânea da criança abandonada, do caminhante e a ‘coisificação’ da pessoa humana transformam-se numa estratégia discursiva cujo intuito é gravar na mente do leitor a imagem da desumanização das personagens que carecem tão somente de atenção, cuidado este renegado tanto pela família como pela sociedade.

A descrição não representa, entretanto, a única forma de textualização, pois, em quase todos os textos cronísticos dessa autora, notam-se a presença de outras tipologias textuais, como sejam a narração, com maior predominância, a argumentação, e o implícito diálogo com um efeito polifónico e heterogéneo.

Por tudo o que ficou exposto, notámos que Salústio, ao narrar as suas histórias, recorre a um discurso marcadamente literário na qual o signo linguístico ganha uma dimensão plurissignificativa, o que nos permite criar diferentes linhas de leitura e, consequentemente, diferentes interpretações. Tal efeito consegue-se com o uso frequente da adjectivação, recurso a figuras de estilo e a uma linguagem expressiva e até poética. Para isso, evoca uma cuidadosa seleção dos significantes, acudindo não só ao significado, mas também, à sua forma, à sua musicalidade, à sua capacidade de sugerir, sempre em função das sensações e sentimentos que quer estimular nos leitores, explorando, assim, todas as possibilidades do vocábulo, numa clara evocação da linguagem literária, tornando-se, por isso, o discurso imaginário, fruto dessa recriação da linguagem, onde o discurso metafórico e metonímico concorrem pela pluralidade de sentidos.

Estas composições demonstram-nos, deste modo, que o belo, o literário, não é indiferente ao género em análise.

As crónicas de Salústio são, portanto, exemplos manifestos de que o género em consideração tem autonomia suficiente de lidar com situações de forma referencial, expressiva, poética ou metafórica.

A quotidianidade é, também, uma repetida presença nas suas crónicas. A cronista inspira-se sempre num evento do quotidiano (a educação familiar, a gravidez precoce, o abandono infantil, o descaso com os doentes mentais, a paternidade irresponsável, a prostituição infantil...) e, com uma certa liberdade criadora e ilusória, explora a seu jeito o assunto, seduzindo, insinuando sempre com vista ao despertar de consciências.

Em relação aos recursos retórico-discursivos sobressaem a reflexão crítica, um tom comunicativo com possibilidades de diálogo com o leitor, num estilo indirecto livre, devido ao uso constante das perguntas retóricas. O tom irónico, em algumas circunstâncias, e a hiperbolização discursiva afiguram-se, também, estratégias discursivas relevantes, as quais, podemos tão-somente adicionar a litereriedade, consequência da beleza estética da palavra assumida nestas composições que se revelam, por isso, unas e insubstituíveis, devido à liberdade de conteúdos patenteada.

Passemos, de seguida, à análise das composições cronísticas de Daniel Medina,¹⁴ composições extraídas da obra *Crónicas que a Vida Conta: Pensem Nisso*.

Como se deixa antever o título através da expressão “*vida conta*” e da forma verbal “*pensem*”, as crónicas remetem-nos para uma experiência pessoal que o cronista compartilha com um público, específico, visando, essencialmente, a reflexão sobre a quotidianidade do homem cabo-verdiano. Esta obra é resultante de um trabalho, compartilhado com os ouvintes nas manhãs da rádio. Caracteriza-se, por isso, por um

¹⁴ Daniel Medina é Doutorado em Ciências Políticas, Mestre em Linguística, Pós-Graduado em Direito e Licenciado em Jornalismo Internacional. Concilia a vida Académica com a investigação e o jornalismo. É possuidor de uma vasta experiência académica em várias universidades portuguesas e cabo-verdianas. Colaborou e dirigiu igualmente vários órgãos de Comunicação Social em Portugal e em Cabo Verde. Para além da publicação de vários artigos em livro e de revistas de especialidade, é autor de três livros de poesia e de dois livros técnicos. É membro da associação cabo-verdiana de escritores, administrador da Associação Cabo-verdiana de Autores, membro dos Clubes Poetas del Mundo, colaborador permanente da Universidade Nova de Lisboa na área da linguística e membro da Associação Francesa de Terminologia.

discurso dialógico, tendo quase sempre em vista um interlocutor, o ouvinte da rádio, que por ora, também, nos chega, em nossas mãos, no suporte livro.

Ao contrário das crônicas de Salústio, que se caracterizam, essencialmente, pelo pendor literário, as de Medina revestem-se de um caráter um pouco mais sincrónico, ainda que, em muitas circunstâncias, a linguagem literária seja utilizada na sua arquitetura.

O autor, nestas crônicas, através de uma diversidade temática e de uma perspectiva crítica, presenteia-nos com a sua visão de factos, ora sob uma análise perspicaz de observações críticas, ora sob um olhar carregado de louvores sobre diferentes valores que nutrem a sociedade cabo-verdiana.

Assim, por via das suas mais variadas e banais histórias, Medina partilha a sua experiência que aparece conjugada com uma preocupação marcadamente social e interpeladora, como atesta o próprio título, que se confirma, também, em várias outras composições.

Em muitos aspetos, estas crônicas aparecem imbuídas de ensinamentos, em que o leitor não ficará, certamente, indiferente à sua intenção comunicativa, principalmente, ao que vivencia com o cronista a mesma realidade, a cultura cabo-verdiana, o ser e o estar como homem das ilhas, mesmo que muitas das suas reflexões ultrapassem essa fronteira pelo que muitas das temáticas apresentadas alcançam uma dimensão plural e universal.

Fixemos, agora, a nossa atenção nas crônicas do autor, as que, aleatoriamente, seleccionámos, para o nosso corpus.

2. Crônicas de Daniel Medina

2.1. Este é o dia do professor

Partimos da Crônica “*Este é o dia do Professor*,¹⁵” composição que nada mais é do que a materialização de uma meditação em torno de uma profissão, ou melhor, o despertar de consciências sobre a valorização de uma responsável prática pedagógica, como valor imprescindível para a construção de uma sociedade distinta, assente na dimensão humana. Sob o olhar atento, o cronista toma a efeméride, a comemoração do dia dos professores e empreende, através da sua vivência, primeiramente, como aluno e, depois, como docente, uma análise clínica de uma profissão que, ao longo dos tempos, tem vindo a transfigurar-se.

Numa cuidada reflexão, assinala os ganhos dessa classe em termos profissionais, vangloria os docentes que cumprem com as suas funções, demonstrando a sua polivalência de ofícios e chama a atenção para os novos desafios que o mundo moderno lhe reserva para a eficiência e eficácia, no exercício, dessa nobre profissão.

Não deixa, entretanto, de ser incisivo em relação àqueles que nada fazem em prol do sistema educativo, afirmando mesmo que *‘outros caíram lá de pára-quedas e mesmo assim não se entregaram.’*

É da sua convicção, também, que esta é a profissão que é capaz de mudar o mundo, desde que o docente seja capaz de tocar o coração dos alunos, através da própria sensibilidade humana, assentes em valores edificadores, alicerçados, por seu turno, no próprio conhecimento.

Para sustentar a sua ideia invoca Sócrates, como exemplo de autoridade, referindo que os alunos serão portadores desses valores se os professores os ensinarem a pensar. Sabendo, todavia, que a sociedade é um organismo dinâmico deixa, por outra via, a ideia de que o professor terá de se adaptar às novas técnicas e metodologias de ensino ajustadas às novas tecnologias para que se consigam resultados positivos.

¹⁵ Vide crônica de Medina, in anexo 2

Entrevê-se, portanto, nesta crónica, uma certa preocupação do sujeito enunciator com a formação do homem cabo-verdiano, não somente na vertente instrutiva como na educativa.

2.2. De pequeno, dos pequenos que poderão ser grandes

Preocupação é, também, a que se constata no texto cronístico “De pequeno, dos pequenos que poderão ser grandes ...”

Num tom apelativo empreende, o articulista, uma incisiva e meticulosa reflexão sobre as dificuldades de sobrevivência enfrentada por muitas crianças, aquelas cujas vicissitudes da vida lhes proibiram uma existência com dignidade.

Para atizar consciências sobre os problemas por que passam os mais pequenos na luta pela sobrevivência, espelha, o cronista, na sua experiência de leitor e de vida, lembrando histórias fictícias e reais sobre esta matéria que lhe marcou, para sensibilizar os leitores de forma a darem mais atenção aos mais pequenos, aqueles que, de acordo com o cronista:

‘foram transformados em mais pequenos ainda, ou seja, os menos protegidos, ou ainda, os mais carentes, ou melhor, os mais pobres do que nós, ou se quiserem aqueles a quem a vida não sorriu muito, ou então, aqueles que têm poucos motivos para sorrir para a vida.’

Assim, a grandeza, a que nos sugere o título desta crónica, não estará na atitude daqueles que poderão ajudar as crianças a serem elas também grandes?

Para tal, invoca a entreatada de todos aqueles que compõem a sociedade. Por esta razão, notamos, propositadamente, o uso da primeira pessoa do plural “*vamos*”, em que o cronista não se exclui, na tomada de decisões a favor dos mais desprotegidos, para a construção de um mundo melhor, um mundo onde o ser humano, principalmente, os mais pequenos sejam um bem supremo, onde haja a cultura de valores como fraternidade, entreatada, amizade, amor e, acima de tudo, esperança.

Como podemos observar, esta crónica reveste-se por uma dimensão essencialmente humana na busca de solidariedade em favor dos mais carenciados, dos mais desprotegidos. Solidariedade que deveria ser, também, um dos valores cultivados diariamente, não

simplesmente na época natalícia que, pelo andar dos nossos tempos, tem sido celebrado sobre o pretexto, exclusivamente, economicista, sendo esta a temática que se faz nítida na crónica “Mais um Natal.”

2.3. Mais um Natal

No contexto desta produção textual, confronta-nos, o cronista, com observações sobre a forma como o espírito natalício tem vindo a ser cultivado nos nossos tempos, conduzindo-nos à ideia de que a simbologia e o sentido que deveriam definir o espírito deste período mítico têm sido forjados pela conduta materialista e consumista do próprio ser humano em detrimento do valor espiritual e dos sentimentos de confraternização, partilha e afetividade, os quais estão na origem dessa efeméride.

Aqui o ser humano não deixa de ser satirizado, pelo seu comportamento materialista e economicista, em desfavor da prática de valores que dizem respeito à edificação da pessoa humana, como a cultura de afetos, de solidariedade, mormente, numa época mística como a do Natal.

O sujeito enunciador, assim, num tom irónico, adverte-nos sobre a tentativa de mudança de atitudes e práticas sociais que jamais deveriam alterar-se sob pena de reduzirmos à insignificância a simbologia e o sentido que o espírito natalício encerra.

2.4. Em Diálogo pelo Diálogo

Na crônica “Em diálogo, pelo diálogo e com o diálogo” Medina, numa perspectiva pedagógica, discorre sobre a origem dos conflitos humanos, familiares, educacionais, profissionais e sobre a forma como são alimentados e por que razão não se chega a uma resolução definitiva.

Para explicar o desentendimento humano invoca, o cronista, a falta de diálogo, carência essa que acarreta discórdias irreversíveis que, pelo andar dos nossos tempos, se transforma na origem de diversas conflitualidades (interculturais, profissionais, políticas, conjugais, educacionais, familiares e outras). *‘Essa forma de comunicação bilateral é tão salutar que os conflitos entre casais, entre nações, pais e filhos, políticos, meios laborais e entre amigos e pessoas comuns, que muitos problemas poderiam ser de fácil resolução, se conversássemos mais e ouvíssemos mais os outros.’*

Para pôr cobro a essa conflitualidade apela, o articulista, o diálogo que se deve basear no respeito pela diferença, pelas opiniões dos outros dos seus sentimentos e ideias, em que cada um é, tão somente, responsável pela mudança de atitude, ao se abrir à alteridade, como forma de *‘desfazer equívocos, fortalecer amizades, resolver conflitos, aprender mais e melhores sobre os fenómenos sociais que nos circundam, conhecer os pensamentos dos outros e dar-nos igualmente a conhecer.’*

2.5. O Dia da Terceira Idade

Como o título desta crônica deixa-se antever, a temática que se faz presente é a meditação sobre a celebração do dia da terceira idade, fase da vida humana que não deixou de merecer algumas considerações sobre o olhar aprimorado de Medina.

À semelhança da crônica “Este é o dia do professor”, o cronista parte de uma efeméride, o dia da terceira idade e empreende uma reflexão sobre a importância desse dia, proferindo mesmo que deveria ser alargado para todo o ano.

Num discurso marcadamente ético, com preocupações morais sobre a terceira idade, o sujeito enunciativo atesta que essa faixa etária é responsável por aquilo que hoje somos e deverá, por isso, merecer o apoio das instituições família e sociedade para que possa viver essa etapa da vida com maior dignidade possível.

Para esse efeito invoca, o cronista, algumas condições, como sejam os cuidados com a saúde física e cognitiva, aliadas à sua participação social e ao bem-estar subjetivo.

Coloca tónica na participação da vida social dos idosos, demonstrando-nos, a partir de argumentos de autoridade que os sentimentos de felicidade, tristeza ou bem estar subjetivo não dependem da idade, realçando, então, que os menos jovens merecem todo o nosso cuidado e respeito, assim como oportunidade de participação na vida social, minimizando, desta forma, os riscos para a solidão e o isolamento, fatores esses de preocupação para a saúde mental dos idosos. Deste modo a relação interpessoal (no seio da família ou no grupo de amigos) é salutar para sua sã vivência.

É nessa conjuntura da modernidade e de novas tecnologias de informação e comunicação, em que os valores estão constantemente em mutação, onde a preocupação para o bem estar individual, profissional e familiar são uma constante, assim como o exibicionismo materialista, aliadas à competição e ao narcisismo que o sujeito de enunciação, defende, de forma reiterada, uma ocupação social para que os idosos possam, à base da sua acumulada experiência e sabedoria, sentirem-se e serem úteis à família e à sociedade, participando com o seu testemunho da sua serena e sábia maturidade.

É, por outro lado, a preocupação do cronista deixar vincada a cultura de afetos, a solidariedade e a preocupação com a alteridade, principalmente, para com os menos jovens, como condições imprescindíveis para a construção daquilo que o cronista designa de identidade humana.

É nessa teia de relação e de responsabilidade que o cronista termina, apelando afeto, consideração, respeito, humanidade e compreensão para aqueles que são a razão da nossa existência, aqueles que vieram antes de nós, que terão muito a dizer e a fazer com a sua lição de vida.

Para finalizar nada melhor do que utilizar as próprias palavras do articulista em favor dos idosos. *‘Ajude-os e permitamos que vivam na alegria tudo a que têm direito. Dançar, amar, cantar, trabalhar.’*

Aspetos gerais da cronística de Medina

Como podemos dar-nos conta estas composições de Medina apresentam-nos com assuntos pertinentes, como sejam valores morais, a formação do homem na sua vertente afetiva, ética, axiológica e espiritual sempre numa perspetiva pedagógica e social. É neste contexto que sobressaem temáticas como a solidariedade, a educação, a dignidade, a fraternidade e a esperança no ser humano.

Recorrendo, desta feita, às próprias palavras de Medina na sua crónica “Os Intelectuais”¹⁶ diríamos que o autor revela, nestas composições, uma preocupação com o desenvolvimento e o envolvimento com a sociedade no seu processo, contribuindo para o seu repensar, criticando, observando, questionando, apresentando soluções ou caminhos onde o ser humano apresenta-se como a verdadeira escape para a edificação de um Cabo Verde mais justo e mais humano.

Tal como na cronística de Salústio, podemos, a partir destas composições, projetar um ethos discursivo de uma pessoa sensível, preocupada e comprometida com o meio envolvente.

O cronista apresenta-se, através das suas composições cronísticas, como um articulista que é capaz de oferecer, em seus conteúdos, uma oferta pedagógica ao leitor preocupado com os aspetos comportamentais de uma sociedade com o intuito de buscar respostas a diversas interrogações quer profissionais, sociais, efetivas, políticas, económicas, filosóficas, instrucionais, educacionais ou outras.

Vê-se, por isso, através da quotidianidade discursiva, a imagem de uma personalidade, da qual sobressai uma visão essencialmente pedagógica e humana nas suas mais variadas histórias.

Nota-se, por outro lado, a emergência de uma voz contestaria, com um tom declaradamente de denúncia que, perspicaz e criticamente comprometida, exige uma tomada de consciência imediata por parte dos leitores e uma colaboração na construção de

¹⁶ In Crónicas que a vida conta: pensem nisso, pp- 59-60

um mundo mais humano, onde as crianças, os velhos, os educadores, a cultura da fraternidade, solidariedade, responsabilidade e, essencialmente, o diálogo são questões emergentes, em que a voz do próprio cronista se dissemina na primeira pessoa pronominal, nós, em busca da construção de um mundo humanizado.

No que se refere às características discursivas, as crónicas de Medina são textos curtos e narrados geralmente na primeira pessoa, transmitindo, por outro lado, a ideia de que o sujeito enunciativo está dialogando com a atualidade do acontecimento diretamente com o leitor. Assim, nas crónicas, vislumbra-se a visão pessoal do cronista em relação a determinados assuntos, sob a forma da subjetividade.

Numa espécie de uma cumplicidade com o leitor, apercebe-se o apelo do cronista a uma comunhão de sentimentos, sensações e ideias, de diferentes perspetivas (do ideológico ao económico, do político ao axiológico, do individual ao social, do particular ao geral, entre outras) sempre com o objetivo de vincar e compartilhar com o leitor a sua visão do acontecimento ao qual se predispôs a “cronicar”.

Em termos retórico - discursivos, nota-se a presença de um discurso que carrega indícios irónicos e críticos de denúncia. Tal facto constata-se, por exemplo, na crónica “Este é o dia do professor”, na qual se vislumbra um tom sarcástico, aquando da meditação da prática pedagógica, por parte de alguns docentes:

‘Mas como diz um colega meu, outros caíram lá de pára-quedas e mesmo assim, não se entregaram. É pena porque é das profissões mais bonitas do mundo. É uma profissão, que tem o condão de despertar nos outros, novos acordares, novos sonhos, para de seguida, ensinar a voar, com os pés na terra.’

O tom de denúncia pelo inconformismo, nos seus textos cronísticos, é, também, uma constante em relação ao que se passa à sua volta, ou melhor, no seu quotidiano. Esse inconformismo evidencia-se nas crónicas “De pequeno, dos mais pequenos que podem ser grandes...” em que o cronista deixa transparecer o seu estado de espírito com o descaso e com o abandono infantil:

‘Ora, pelo caminho dos nossos dias, encontramos cada vez mais crianças que precisam da nossa ajuda. Um pedaço de pão, um olhar de compreensão - não de pena -, um gesto afectuoso, uma palavra de conforto e de esperança, senão de confiança. E, nesse caminho, pergunta-nos: - Quem lhes liga?’

O mesmo acontece na composição “Mais um Natal”, na qual, o sujeito enunciador demonstra incompreensível com a faceta atual do *homo economicus*, aquando da celebração do Natal.

‘O que era uma reunião da família visando o fortalecimento dos laços, da fé, da inter-ajuda entre as pessoas de forma desinteressada, como um abraço, um grande sorriso, a ansiedade e a alegria de vermos nossos entes queridos, traduziu-se em simples troca de prendas. E ai daquele que se esquecer da prenda. E ai daquele que der um presente que não seja consoante o seu estatuto.’

Um outro aspeto transversal à crónica de Medina é o uso do discurso apelativo, que se apresenta, linguisticamente, marcado pelo modo imperativo que, por sua vez, se manifesta na modalidade deôntica, num claro convite ao leitor, cujo desígnio último é comunicar-se com ele, requisitando-o para o assunto, tentando a sua adesão, numa implícita cumplicidade e intimidade. As formas verbais *‘vamos parar, vamos ajudar, vamos acreditar, cuidemos’* na crónica “ De pequeno, dos pequenos que podem ser grandes...”ou *‘ aproveitem, que seja, ficamos à espera, encontre’* na composição “Mais um natal” ou ainda *‘desculpem, paremos, tornem, verão’* na crónica “Este é o dia do professor” são exemplos incontestáveis dessa preocupação discursiva.

Para além desta estratégia assumida, o cronista acaba sempre as suas reflexões, apresentado uma sugestão, um convite, um pedido para que o alocutário participe e mude o estado das coisas vivenciadas, ou seja, visa que o alocutário realize uma ação verbal ou não as quais respondem aos conteúdos proposicionais que lhe serviram de base das suas mais variadas meditações, deixando, transparecer sempre a função apelativa da linguagem. Apresentam-se, a título ilustrativo, os últimos parágrafos das cinco crónicas do autor, os quais sustentam a nossa afirmação:

‘ (...) Mas, hoje é presente. Tornem este dia inesquecível. Brilhem, mas façam brilhar ainda mais os outros. Verão que vale e valerá a pena. É uma questão de dimensão da alma.’

‘ (...) Que este primeiro de Dezembro seja o verdadeiro começo de uma etapa das nossas vidas, em que sejamos capazes de ter a coragem de ir ter com os outros que necessitam de nós e, não ficarmos à espera que eles se aproximem para lhes estendermos a mão. É aí que nasce o verdadeiro Natal em cada um de nós, ou seja, deixando que cada coração encontre o seu caminho no espírito do homem, na verdade do Natal.’

‘ (...) Foi mesmo preciso coragem, para ouvir ou ler tudo isto. E se o tiveram, é porque conseguem fazer melhor do que isto. Garanto que terão um dia feliz e muitos outros poderão vir por aí ...’

‘ (...) Enfim, parece que diálogo precisa-se um pouco mais em quase todos os sectores da nossa sociedade.’

‘ (...) Ajudemos e permitamos que vivam na alegria tudo a que têm direito. Dançar, cantar, amar, trabalhar.’

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crônicas, de Salústio assim como as de Medina, afirmam-se pela dimensão humanitária confirmando, desta forma, a nossa hipótese levantada pois a maior parte delas tem como preocupações a pessoa humana, sobretudo, com os mais desfavorecidos com vista ao encontro de uma harmonia no seio da sociedade onde todos possam ser respeitados, tenham voz e vez na construção de uma sociedade mais justa, mais equilibrada materialmente e espiritualmente.

As ideias e os sentimentos, patenteados nas crônicas desses dois escritores cabo-verdianos, convertem-se, muitas vezes, em formas de luta e denúncia sobre situações que carecem de respostas emergentes como sejam sócio económicas (crianças de rua, a compra desmesurada de produtos...), educacionais (preocupação com a qualidade profissional dos docentes, perda de valores na família...), morais (abandono infantil, prostituição infantil, gravidez precoce, abandono dos doentes mentais, a atenção aos idosos...), sobre género (prostituição feminina, gravidez precoce, empoderamento da mulher...), de deficientes e outras formas de opressões vinculadas no poder de minorias sociais.

Essa preocupação com os problemas vivenciados na sociedade, na qual os mais desfavorecidos, os mais esquecidos são, muitas vezes, tónica de reparo, faz-nos projetar o ethos discursivo de duas personalidades sérias, sensíveis e comprometidas com os valores mais nobres do ser humano.

O sujeito cabo-verdiano, em muitas dessas composições, é colocado no centro das suas preocupações, em que ressalta a ideia de que o indivíduo jamais deverá ser tratado como um objeto, mais sim como pessoa, por isso, a razão dessas denúncias na busca de solidariedade humana em que a dimensão do sujeito é repensado de forma com a convivência com outros sujeitos, no qual o leitor é chamado a participar.

Nestas composições, ficou evidenciado que o social e as diferentes formas de manifestação dos seus atores sociais, que nos são dados, a partir das reflexões dos cronistas, através do próprio discurso, permitem-nos edificar diversas significações, marcadas

sobretudo pela reconfiguração do quotidiano das quais se revelam um comprometimento com os problemas do seu tempo.

É notório concluir que as crónicas analisadas assumem um modelo crítico cuja linguagem passa por modificações significativas onde forma e conteúdo adquirem novas conotações, porém com algumas nuances as quais convém serem assinaladas.

Salústio prima pela literária, em que o signo linguístico adquire uma dimensão plurissignificativa, assumindo um carácter, essencialmente, conotativo e subjetivo, tornando o texto quase que intemporal. Essa literariedade é-nos concedida pela musicalidade, pelo ritmo e pelos recursos estilísticos e expressivos utilizados, sendo, por isso, o facto um mero pretexto para a sua recensão.

A palavra, nas crónicas desta autora, aparece, muitas vezes, imbuída de uma beleza estética que chega a confundir-se com o conto, porém distancia-se dele por causa da atualidade temática, da preocupação com a quotidianidade, ainda que num tom de verosimilhança.

A dimensão recreativa e estética das crónicas salustianas têm como propósito provocar diferentes reações nos leitores.

Medina faz, por sua vez, uso de uma linguagem mais direta, com uma tonalidade mais denotativa, imprimindo, todavia, nas suas narrativas, o seu olhar crítico sobre a realidade quotidiana que o envolve, sendo perceptível, também, a dimensão subjetiva, pois está em causa a sua visão do problema, a sua experiência que não deixou de partilhar com os leitores.

Essa modalidade de crónica aproxima-se, também, do discurso literário pois é visível, nos seus textos, um pressuposto artístico. Não é demais ressaltar, por conseguinte, que o género, como é cultivado por Medina parece funcionar como um género literário.

Os seus textos detêm uma preocupação com a quotidianidade em que a linguagem nos remete para o cuidado literário.

Este género que se demonstra eclético, fruto de formas diferentes de tratar o signo, acaba por representar formas discursivas sistematizadas para efetivar a dinâmica do quotidiano.

O ponto de interseção, destas duas formas de narrar, reside, essencialmente, na incitação à reflexão, que ambos os cronistas imprimem nas suas narrativas cujo objetivo último é despertar, nos leitores, a curiosidade sobre os mais diversos temas que dilaceram o ser humano, com as suas angústias, os seus problemas os quais quase sempre tónica de reparo.

Nota-se, por conseguinte, uma certa reivindicação dos cronistas em proveito da dignidade humana, trazendo à tona valores que se perdem, porém que se recuperam fruto da subtileza discursiva dos cronistas que veem, indagam, sentem e analisam aquilo que passa ao lado de muitas pessoas.

Estas composições testemunham e expressam, em síntese, de forma muito perspicaz, uma preocupação social, humana e, essencialmente, pedagógica.

Uma vez que a aprendizagem é vista como um processo dialético, em futuras investigações, a análise das composições se estenderão à totalidade das obras desses escritores para certificarmos se a confirmação da nossa hipótese permanecerá.

Pensamos, no entanto, com este trabalho, ter lançado as bases para futuras investigações, no âmbito da análise cronística cabo-verdiana, uma área de investigação que se revela bastante incipiente.

BIBLIOGRAFIA

AMOSSY, Ruth (2005) - *O ethos na interseção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos*, in (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo. Contexto.

CANDIDO, António (1993) *A vida ao rés do chão*, In: **CANDIDO**, António, *Recortes*. São Paulo. Cia das Letras.

CEIA, Carlos (2010) - *E-Dicionário de Termos literários*, disponível em http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=866&Itemid=2 [acedido em 14 de fevereiro de 2013].

CIDADE, Hernâni, **SELVAGEM**, Carlos, (1967) - *Cultura Portuguesa (I Volume)*. Lisboa. Editorial Notícias.

COELHO, Irene da Silva (2009) - *Hibridismo do Gênero Crônica: discursividade e autoria em produções do E.F.II*, Tese de Doutorado, São Paulo, disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05022010-110307/pt-br.php> [acedido em 23 de março de 2013].

FRANCISCHINI, Juliana Bernardini (2008) - *A crônica jornalística em uma perspectiva sócio-retórica: organização textual e processo de produção*. Anais do CELSUL. Disponível em http://www.celsul.org.br/Encontros/08/cronica_jornalistica.pdf [acedido em 4 de abril de 2013].

FREIRE, Sílvia Barros da Silva (2009) – *A Crônica Contemporânea de Autoria Feminina: Lya Luft, Maria Colasanti e Martha Medeiros*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de Mestrado, disponível em <http://www.letas.ufrj.br/posverna/mestrado/FreireSBS.pdf> [acedido em 8 de março de 2013].

JURACH, Jussara Maria (2011) - “*A intertextualidade como recuso argumentativo e de estilo nas ‘crônicas jornalístico-literários’ de Arnaldo Jabor no Estado de S. Paulo*”. Anais do VI Congresso Internacional da Abralín. Curitiba.

LETRIA, Joaquim (1999) – *Pequeno Brevário Jornalístico*. Lisboa. Editorial Notícias.

LOPES, Cristina Paula, (s/d) - “*A crónica (nos jornais): O que foi? O que é?*”, Universidade Autónoma de Lisboa, pp. 1-12 disponível <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-cronica-lobes.pdf> [acedido em 16 de fevereiro de 2013].

MANCELOS, João de (2010) - “*O poeta é um artesão: A arte da escrita nas crônicas de Eugénio de Andrade*”, *Forma Breve* (Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro), pp. 109-121. ISSN: 1645-927X disponível em <https://joaodemancelos.files.wordpress.com/2012/05/opetaeumartesao.pdf> [acedido em 16 de março de 2013].

MAINGUENEAU, D. (2005) - *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto.

MAGNI, Carlos – “*A Crónica por Luís Martins: dissolução das fronteiras entre jornalismo e literatura*,” *Conexão – Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v.8, n° 16, jul/dez. 2009, pp.68-103, disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/128/119> [acedido em 18 de fevereiro de 2013].

MARCUSHI, Luís António, *Géneros Textuais: a definição e funcionalidade*, disponível em http://www.google.com/search?q=a+defini%C3%A7%C3%A3o+e+funcionalidade&rlz=1C1VASA_enCV502CV502&oq=a+defini%C3%A7%C3%A3o+e+funcionalidade&sugexp=chrome,mod=0&sourceid=chrome&ie=UTF-8 [acedido em 4 de maio de 2013].

MEDINA, Daniel (2011) – *Crónicas que a Vida conta: Pensem Nisso*. Gráfica do Mindelo, Lda.

MOISÉS, Maussod (1982) *A criação literária*, v. 2. 10. ed. São Paulo. Cultrix.

PERLES, João Batista, (s/d) – “*O género textual no suporte jornal: controvérsias e proposta*”, pp. 1-12, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-genero-textual.pdf> [acedido em 8 de Abril de 2013].

PEREIRA, Wellington (2004) *Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crónica no jornalismo impresso*. Salvador: Calandra.

SILVA, Paulo Nunes da - (2008) *Técnicas de Comunicação e Expressão II*. Lisboa. Universidade Aberta.

SIMON, Luís Carlos Santos (2004) - *Do Jornal ao Livro: A trajetória da Crónica entre a polémica e o Sucesso*. Temas & Matizes. Nº5, pp. 54-61, disponível em <http://search.tb.ask.com/search/GGmain.jhtml?searchfor=Do+Jornal+ao+Livro%3A+A+traject%C3%B3ria+da+Cr%C3%B3nica+entre+a+Pol%C3%A9mica+e+o+Sucesso&st=kwd&ptb=9B7B3CFB-12A3-4E5C-99091E2770629063&n=780bb46d&ind=2014033005&p2=^AYW^chr999^YYA^cv&si=191409> [acedido em maio de 2013].

REIS, Carlos, **ADRAGÃO**, José Victor – (1992) - *Didáctica do Português*, Lisboa, Universidade Aberta.

REIS, Carlos “*O tempo da crónica*”, *Jornal de Letras*, 12 a 25 de Outubro de 2005, p. 18.

REIS, Carlos, **LOPES** - (1994) - Ana Cristina Macário, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra. Almedina. (4ª edição, revista e aumentada).

RIBAS, Maria Cristina Cardoso et al (1999) – *A Crónica em Sala de Aula: Trabalhando com um género menor* *ENORME* enorme, Solettras, Ano IX, nº 18, São Gonçalo, pp. 1-23.

RITA, Anabela, *Crónica*, in *E Dicionário de Termos Literários*, de Carlos Ceia, disponível em http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=866&Itemid=2 [acedido em 5 de abril de 2013].

RODRIGUES, Inara de Oliveira (2009) - *Efemeridade e Permanência no Livro de Crónicas de António Lobo Antunes*. Navegações, v.2, nº2, pp. 141-146, jul./dez. Disponível em <file:///C:/Users/Guilherme/Downloads/6399-21405-1-PB.pdf> [acedido em 12 de Agosto de 2013].

RODRIGUES, Kelen Cristina Rodrigues (2008) - *Em pauta o conceito de ethos: a movência do conceito da retórica aristotélica à sua ressignificação no campo da Análise do Discurso por Dominique Mainguenuau*. Signum. Est. Ling. Londrina. n. 11/2, pp. 195-206, dez, disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/3056/4674> [acedido em 25 de Abril de 2013].

ROCHA, Ilídio (1995) - *Roteiro da Literatura Portuguesa*. Lisboa. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

SÁ, Jorge de (2002) – *A Crônica*. São Paulo. Editora Ática.

SARAIVA, A.J., **LOPES**, Óscar (2005) – *História da Literatura Portuguesa*. 17ª Edição. Porto Editora.

SALÚSTIO, Dina (2002) - *Mornas eram as noites*. 3ª Edição. Instituto da Biblioteca Nacional. Praia.

SEIXO, Maria Alzira (2008) *Dicionário da Obra de António Lobo Antunes*. Lisboa.
Publicação Dom Quixote. Lisboa.

SOUSA, Jorge Pedro - *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*, S/d, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf> [acedido em 6 de junho de 2013].

STIWELL, Isabel “*Exortação ao Lobo* ”, in *Notícias Magazines* (Diário de Notícias), fevereiro de 2000.

ANEXO 1

CRÓNICAS DE DINA SALÚSTIO

Filho és, pai serás

Lembro-me que a minha mãe utilizou na nossa educação, além de uma varinha de marmelo de que fazia uso frequente, embora sem muita energia, diga-se uma série de provérbios ditos em português, que no contexto quotidiano crioulo, adquiriam um peso e um estatuto que nos amedrontavam.

Depois de solenemente mastigados o provérbio, não havia nem mais um olhar, nem mais um grito ou gesto: apenas nas costas altivas da minha mãe, orgulhosa, penso, por nos ter arrumado com a sentença suprema.

... Pois o primeiro Domingo de Maio já ia no final quando o telefone tocou e era a minha mãe dando-me os parabéns. A sua voz era bastante irónica e eu, ligeiramente confusa, olhei para o calendário, perguntando-me se teria esquecido o seu aniversário. Respirei de alívio ao constatar que seis de Maio seria no dia seguinte e indaguei-lhe do motivo de tamanhos parabéns, ao que, num tom agora contundente, porque ela tem um geniozinho terrível, foi avançando que era o dia das mães e que, logicamente, eu teria sabido pela rádio ou televisão. Consegui convencê-la da inexistência desse tipo de ligações minhas com o exterior aos fins de semana e, entre beijinhos e abraços atrasados, obtive o perdão, não sem, antes de despedir, me lembrar um dos seus ditados preferidos: “Filho és, assim como fizeres, assim acharás” e ao qual me ligou sempre um certo mal estar. Mal desligou, o meu codê¹⁷ telefonou dando-me os parabéns e dizendo uma série de mimos que geralmente precedem um pedido sejam do que for, normalmente de outras ternuras, mas desligou sem mesmo perguntar por um dinheirinho extra e isso aumentou a minha culpa por não me ter lembrado de telefonar para minha mãe, criticando-me por um apego desmesurado a princípios que às vezes me impedem de fazer certos agrados a determinadas pessoas que merecem toda a espécie de cedências minhas.

¹⁷último filho

Eu precisava de uma vingança urgente e liguei para outro filho e, sem a diplomacia da minha velhota, iniciei logo um discurso em que entravam a ingratidão e coisas parecidas, sem lhe dar hipóteses de defesa, por não me ter dado os parabéns, num dia tão importante para a raça humana e não só se calhar. Perdi o latim e o crioulo, porque esperto como me saiu, foi logo dizendo que, para ele, todos os dias são o dia da mãe e recorrendo a uma análise relâmpago das sociedades de consumo dos seus truques, falou da artificialidade dessas datas que obrigam o cidadão incauto à compra de mais prendas, mais flores, mais missas, mais postais, mais impulsos telefónicos...

Ao dar-me conta que estava pendurada ao telefone e sentindo-me uma perfeita idiota, mas querendo ter a última palavra, disse-lhe o que nunca me ocorreram antes: “Filho és, pais serás, assim como fizeres, assim acharás,” e desliguei não sem uma pontinha de remorso, devo confessar.

Meia hora depois ele telefonou: - mãe, estou confuso. Aquelas coisas todas que falaste sobre o dia das mães, era a sério?

Conhecia-me bem e as nossas gargalhadas se juntaram, quando lhe contei do chá que a avó me havia passado, um pouco antes.

Ao desligar, pediu-me: por favor, não voltes a dizer aquela do “Filho és, pai serás.” É que me sabe à praga.

A mesma sensação que eu sentia em criança, reconheci pensando em coisas como filho, educação, famílias. E na minha mãe.

Dina Salústio, “Filho és, pai serás” in *Mornas eram as noites*, Instituto da Biblioteca Nacional – Direção do Livro – Praia, 2002, pp.19-20

Para Quando Crianças de Junho a Junho?

Ainda era Junho e nos ouvidos ainda o eco das canções das crianças de Junho.

Ainda era dia e no ar os restos do sol que escoava no tempo.

Na rua estreita da escola e no adro da igreja, um esvoaçar alegre de batas azuis. Últimas brincadeiras antes do regresso à casa. Sorrisos cúmplices. Lembranças de piadas e gracinhas vividas.

De repente, uma rua larga, agora estreitada pela violência que transborda e agride os caminhantes. Uma dúzia. Talvez menos de uma dúzia de rapazes da quarta, que deviam ser crianças e que se haviam transformado em feras, perseguindo e atacando um doente mental. Livros e pastas esquecidos na valeta. Nas mãos, pedras. Nos gestos, ódio. Olhares frios. O homem no meio, indefeso, confuso, louco, impotente, cada vez mais agitado pelos uivos dos estudantes que nunca deveriam lançar outros sons que os da alegria e da esperança. Raiva nos adultos que humilhados fogem às pedras. Excitação nos algozes que procuram derrubar a vítima. Uma pedrada no estômago e ela agacha-se, tentando proteger com gestos gratuitos e desordenados a cabeça desgrenhada e velha. Mais pedradas. Mais gritos. Mais lamentos. Um carro passa. Na confusão, a figura suja e esfarrapada, de gatas, alcança uma porta onde se esconde, animal acochado.

Livros e cadernos abandonados.

Sem a vítima, os estudantes interrompem a brincadeira. Regresso à calma exterior.

Nos olhos do chefe do bando, uma indiferença cruel. Que magoa. "...Se fosse meu pai, eu não teria pena... Se ele morresse, problema dele...Se eu gosto do meu pai? Se você o vir pergunte-lhe se ele gosta de mim, ou...se...se me conhece".

Nas últimas palavras, um soluço abandonado. Silêncio no grupo. Pedras que caem nas mãos. Bando que se desfaz.

E quando o miúdo chefe se mexe e retoma o caminho para a casa, arrastando os pés, não há crueldade nos seus olhos. Apenas uma criança amarga que havia parido prematuramente um homem. Desencantado.

O meu pensamento vagueia em ondas interrogativas. Doentes abandonados. Crianças impiedosas. Pais desconhecidos. Filhos sem amor. Até quando? Para quando crianças de Junho a Junho?

Retomo o caminho interrompido. Não sei quanto tempo tinha decorrido. Que relógio é capaz de medir o tempo da violência? Em mim, era noite. Tristemente noite. Uma folha de papel dança com a brisa. Ou tempestade?

Uma pedra chutada com raiva. Às vezes a dor acalma a impotência.

Dina Salústio, “Para Quando Criança de Junho a Junho” in *Mornas eram as noites*, Instituto da Biblioteca Nacional – Direção do Livro – Praia, 2002, pp.23-24

Forçadamente mulher, forçosamente mãe

Em Setembro fará calor. Para Setembro Paula terá seu filho. Ainda há dias ela ria e dançava pelos cantos. E juntava conchinhas cor-de-rosa na praia. E colecionava sonhos. Que é das conchinhas? Que é dos sonhos? Hoje carrega penosamente uma barriga enorme. Sozinha

E as ilusões vão-se perdendo nos vômitos da gravidez.

Aos dezasseis anos não se devia ter filhos. A natureza não soube fazer contas. Aos dezasseis anos não se devia carregar culpas. Nem vergonhas.

Paula perdeu o olhar meigo e livre de adolescente. Agora apenas um rostinho triste e resignado que de longe em longe se abre, quando gargalhadas de meninas como ela despertam o resto de menina que ainda existe.

E chora às escondidas. E faz contas à vida e às luas.

Queria vê-la com raiva. Revoltada. Decidida. Mas, por Deus, aos dezasseis anos quem pode ter essa força toda? Quem pode estar tão armado?

Queria que ela e todas elas se juntassem e calassem para sempre os latidos daqueles que perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites. Com o seu ódio. E que os desfizessem com as suas mãos de mães abandonadas. E os afogassem impiedosamente nas lágrimas de todas as crianças traídas. E esfomeadas.

Mas Paula chora às escondidas. E tem esperança. Ainda. Porque a esperança dos dezasseis anos é a última coisa a deixar-se ir. Mas secará com o primeiro leite do primeiro filho. Secará como os sonhos da adolescente forçadamente mulher. Forçosamente mãe. Para Setembro haverá calor.

Dina Salústio, “Forçosamente mulher, forçosamente mãe” in *Mornas eram as noites*, Instituto da Biblioteca Nacional – Direção do Livro – Praia, 2002, pp.35-36

Sem idade sem verdade

Encontrei-te por acaso. Sorrindo, disseste-me que a vida era bela. Não te perguntei a idade. Para quê? Tu eras verão e tinhas nos olhos a madrugada. Nos gestos, a infância do louco que, montado num pássaro, desafia as nuvens. Cheiravas a rosa abrindo-se na moleza do sol e tinhas a macieza da terra bebendo o orvalho das manhãzinhas. Trazias inteira a doçura do mar no corpo de um bote ao sol poente e o teu sorriso era a beleza de um instante belo.

Como dizer ao verão que o inverno acontece frio e triste? Como dizer à madrugada que ela é mentira, que é dia, quando a letra vence, e é noite, quando as dores aumentam? Como avisar o louco que por baixo das nuvens o abismo corre cada vez mais rápido, cada vez mais fundo? Conseguiria dizer à rosa que logo haverá missa pelas almas com terços e flores? Conseguiria? Como dizer à terra que o orvalho não basta e que a estiagem fere, racha até sangrar? Como? Poderia dizer a um instante que o dia tem muitas horas, muitos meses, muitos séculos? Como dizer ao mar, ao barco e ao sol poente que o ciclone anunciado vem aí? Como?

Olhei para ti e nem me perguntaste porque de repente ficara tão triste. E deixei-te ir. Leve. Suave. Feliz. Sem idade. Sem verdade.

Dina Salústio, “Sem idade sem verdade” in *Mornas eram as noites*, Instituto da Biblioteca Nacional – Direção do Livro – Praia, 2002, p. 37

Tabus em Saldo

Se tivesse nascido macho era um rapaz, mas como nasceu fêmea é mulher. As fêmeas são sempre mulheres. Mas mesmo mulheres, elas são de todas nós. Para serem protegidas. No entanto, já que têm tudo para serem motivo de tudo, há outras de nós que as desejam para o folclore das fantasias e para o encobrimento ridículo e camuflado da irracionalidade do estar.

De repente – ou terá sido assim tão de repente? – vamos aos esconderijos privados desta sociedade que dolorosamente ou não, recorre a proibições, enfatiza princípios, agrupa-os em tabus para defesa mínima de um certo decoro, ou, dando uma de evoluídas, parcelas outras há que embandeiradas na necessidade de se cortar de vez com a hipocrisia social, em nome do progresso e outras mais, arranham a ferida onde ela dói mais: as crianças e as adolescentes.

Não satisfaz mais a orquestrada exploração da candura das meninas europeias, a sedução das orientais, a instrumentalização das americanas do sul e do norte. Não. É preciso vir para mais perto. Temos uma juventude tão bonita que há que se retirar dividendos, transformando-as em objetos de gozo mais sofisticado, em produtos rentáveis. E por isso vamos, outros de nós, aos liceus, às escolas para envolver em collants e transparências e expô-las em fotos aos instintos dos curiosos de outros.

O negócio rende. Cada espiadela vinte escudos, diz-se. Dois rebuçados ao fim e ao cabo. Barato como nós, a nossa autenticidade, as ambições, os sentires, o orgulho e a existência. Dois rebuçados: o custo de uma espreitadela ao clandestino filmado das nossas crianças fêmeas.

A gargalhada forte de um grupo de meninas perturba-me de alegria, mas imediatamente olho para os lados com medo que algum fotógrafo, caçador de corpos, esteja por perto para um primeiro contato.

Desisti de querer ver mais. É o que a maioria faz, por cobardia, vergonha e secretos desejos que as coisas ruins deixem de acontecer.

Para depois ficam a luta, a briga e a denúncia. E as consciências tranquilizam-se com a promessa.

... À noite, na televisão, passou um filme sobre a prostituição infantil, em várias nuances. Eram crianças americanas. Podiam ser cabo-verdianas.

Era o primeiro dia do Ano novo de 1992. A primeira noite.

Dina Salústio, “Tabus em saldo” in *Mornas eram as noites*, Instituto da Biblioteca Nacional – Direção do Livro – Praia, 2002, pp. 49-50

ANEXO 2

CRÓNICAS DE DANIEL MEDINA

Este é o dia do professor

De entre muitos outros, dada a especificidade da sua profissão, este, serve para assinalar talvez mais um momento de reflexão.

Reflexão à volta da sua caminhada, em torno da sua história, os altos e baixos no seu estatuto, as reviravoltas provocadas pelas constantes alterações sociais, a perda de autoridade, a luta constante pela educação, a entrega à profissão, os constrangimentos diários encontrados na logística funcional e relacional, a felicidade ímpar de sentir que está a construir um país através da formação, naquilo que há de mais precioso – os seres humanos.

Muitas vezes, andamos à volta com pormenores, esquecendo-nos do essencial.

Gostamos de ouvir que muitos cumprem o seu dever e que são dedicadíssimos – e isso é verdade. Sabemos que alguns são, simultaneamente, pais, psicólogos, técnicos sociais, pedagogos, etc.,

Sentimos e vemos que muitos nasceram para serem professores de corpo e alma e que se entregam também dessa mesma forma. E muitos de nós, muitos sabem, sim senhor, que alguns professores marcaram a nossa vida para sempre.

Mas como diz um colega meu, outros caíram lá de pára-quedas e mesmo assim, não se entregaram. É pena porque é das profissões mais bonitas do mundo. É uma profissão, que tem o condão de despertar nos outros, novos acordares, novos sonhos, para de seguida, ensinar a voar, com os pés na terra.

Nesta profissão, podem-se construir homens, desenhar futuros, ou re-destinar vidas.

Através das palavras dirigidas directamente ao coração, pode-se lograr o encontro com as fantasias, levar à descoberta de coisas novas na cabeça e na vida quotidiana de cada um. Cada um aprenderá pela sua mão, pelos seus próprios olhos, a encontrar-se consigo, descobrindo a sua importância como ser humano.

Sócrates há milhares de anos, falando da importância dos professores já dizia lapidarmente, que eles deviam (ou o que achava que era mesmo o mais importante) era “ensinar os alunos a pensar”. Que cada um deles deveria aprender a desenvolver o seu próprio pensamento.

Urge que cada professor na contemporaneidade (nesta sociedade profusamente tecnológica) se postule, numa adaptação constante, numa interação despreconceituada com a comunidade, se apresente como um orientador. Um orientador na medida em que como todos sabemos, existem várias escolas paralelas, de aprendizagem e de formação sempre constantes, sempre ligadas, e com um poder desafiador.

Caberá ao docente de hoje, o conhecimento deste mundo novo, das novas linguagens, dos novos anseios, das angústias, dos novos desafios, novas profissões, traçando rumos novos na sua nova profissão. Nova, porque eternamente dinâmica. Ele deverá ir ao encontro dos alunos e não ao contrário. Terá de se sentir motivado a ponto de conseguir levar esse reflexo aos seus pupilos. Ele é o treinador, o director, o melhor amigo com quem se deveria contar.

Neste dia, paremos um pouco, meditemos, olhemos para cada um de nós. Sem acusar o outro, e façamos uma promessa bonita: eu vou, eu consigo ser melhor, eu consigo dar mais de mim se pensar nos outros, se estarão a fazer de igual modo o seu trabalho. Esta é uma questão de consciência individual. A vantagem – dizem os mais velhos e os mais realizados – é o espírito/sensação de missão cumprida, que faz com que alguns dos nossos antigos professores – aqueles muito especiais –, desenvolvem quase uma visível aura, e digam com um leve e doce orgulho: fui e sou professor.

Quem não gostaria de ser um professor assim?

Desculpem personalizar um pouco, mas ainda me lembro da elegância, da afectividade, dos ensinamentos, da doçura, da minha professora da 1ª classe. Dª Eduína, de seu nome. Preocupava-se e perguntava por cada um de nós, e mandava recados a querer saber se estávamos melhores – caso estivéssemos. Lembram-se do professor Baltasar Lopes? Nunca é de mais, falar dele como professor. Ainda ouço imensa gente a dizer com orgulho: fui aluno do Nhô Baltas. Felizardos.

E para os felizardos que abraçaram esta nobilíssima profissão – se quiserem Missão -, este vosso dia, tornem-no especial, para o futuro. Com as vossas palavras, gestos, referências, poderão mudar vidas e atitudes, para sempre. Não descurem por um só momento essa enorme responsabilidade, que foi depositada nas vossas mãos, ou seja, o futuro.

Mas, hoje é presente. Tornem este dia inesquecível. Brilhem, mas façam brilhar ainda mais os outros. Verão que vale e valerá a pena. É uma questão de dimensão da alma.

Daniel Medina, “ Este é do dia do professor”, in *Crónicas que a Vida conta: Pensem Nisso!* Gráfica Mindelo Limitada, Janeiro 2011, pp. 57- 58

Mais um Natal...

Acabámos de entrar num mês quase místico. É
aguardado, ansiado e até venerado para alguns. Para
outros, pode até trazer traços de alguma nostalgia,
por arrasto de recordações menos boas do passado.

Mas o que interessa, é que está aí o Natal a bater-nos à porta, nos ouvidos, nos bolsos, na cabeça e no coração também.

Por estas alturas costumamos tornar-nos mais solidários. Será que alguma coisa desperta o ente de profundidade humana que habita esquecido dentro de nós? Bem, não interessa.

Só é pena que o espírito, o verdadeiro espírito do Natal esteja a ser esquecido, senão a ser trocado.

Os seres humanos por vezes, alienam e confundem um pouco as coisas. Se alguns valores, a tecnologia, a ciência e alguns pontos de vista se alteram – porque era necessário e aceitamo-los - as árvores, o mar, as montanhas, a luz, os pássaros e muitos outros, continuarão a sê-lo, sem mudanças de maior durante os próximos séculos.

No entanto, de há poucas décadas a esta parte, resolvemos alterar a mensagem simbólica e semiótica do Natal. Parece que a globalização atingiu também o olhar, os costumes, tradições e a fé das pessoas.

O que era uma reunião da família visando o fortalecimento dos laços, da fé, da interajuda entre as pessoas de forma desinteressada, como um abraço, um grande sorriso, a ansiedade e a alegria de vermos nossos entes queridos, traduziu-se em simples troca de prendas. E ai daquele que se esquecer da prenda. E ai daquele que der um presente que não seja consoante o seu estatuto.

As crianças, já se aproveitam disso e pedem coisas sem valor afectivo, por vezes, com chantagem do tipo: “os meus amigos também têm”; ou “não dás porque não gostas de mim”. As candidatas/ou candidatos a um lugar no pódio, leia-se possível namoro sério, fazem questão de comparar as prendas. Será que quererá dizer, que aquele ou aquela que nos der a prenda mais cara é mesmo aquele/aquela que mais gosta de nós, ou aquele que mais disponibilidade financeira tem?

Mas voltando a outra prenda – como se diz, uma desgraça nunca vem só – o presépio, que antes simbolizava, união da família, solidariedade, humildade, relação com o meio natural – este foi substituído pelo Pai Natal. Nem se aproveitou bem a história do S. Nicolau – e ele nesta altura deve dar voltas nas nuvens, já que o caixão já aí não está. Mudaram as vestes do homem – que só queria ajudar os outros pela calada da noite sem dar nas vistas e, sem a televisão por perto – ainda bem que ainda não havia – e vestiram-no de vermelho e branco. E ele aparece todos os anos, por esta altura a vender alguma coisa, ou então a beber Coca-Cola. (ah, não se esqueçam que ele não pode beber mais nada senão é processada pela companhia. Se duvidam, vejam as campanhas promocionais pelo mundo inteiro a apelar ao consumo).

Disfarçadamente, ele vende o que o Outro simplesmente dá.

Os menos novos ainda se lembram do menino Jesus a colocar uma prenda debaixo do travesseiro? Isso reforçava a fé e o sonho de qualquer menino: se ele nasceu pobre e foi um rei, porque não havia também de sonhar?

A pergunta que se impõe é: o papai natal substitui mesmo o menino Jesus? Se assim for começo a compreender porque é que cada vez mais estamos mais distantes uns dos outros, menos preocupados com o nosso vizinho e semelhante, porque só devemos aparecer é no Natal, como o homem das barbas brancas.

Por essa altura do campeonato as criancinhas não iriam entender se não deixássemos o pai natal entrar pela chaminé – que nem temos. Já que ele aqui está vamos conviver com ele mas, seria bom que contássemos as histórias como elas são. As histórias da alma contam-se com a alma e não com o tamanho dos presentes.

Dizem que o Natal é nascimento. Nascer é vida. Vida é alegria.

E se Jesus, o mensageiro nasceu ou não neste mês, se Papa que já lá vai alterou o calendário, se o mestre nem foi registado neste solstício, o que interessa mesmo é a mensagem que nos legou. O resto são pormenores de somenos importância.

Aproveitem este mês magnífico e estendam-no como uma passadeira ou um arco-íris pelo ano inteiro. Não sejamos solidários e bons somente neste mês. Se o fazemos em nome da fé, da cristandade ou dos valores humanos, talvez seja também altura de pensar que os velhos, crianças, mendigos, reclusos, doentes e outros, não precisam de carinho, alimentação ou outro apoio somente nesta paragem do ano. Façamos as pazes em Janeiro, vamos dar livros em Fevereiro, roupas em Março e Abril, poemas e sorrisos o ano inteiro, abraçar os desprotegidos da sorte sempre que nos for possível. É aí que mora a verdadeira génese do ser humano a que temos a honra de pertencer.

Já dizia o outro, que o Natal é sempre que o homem quer. Ou seja, é sempre que nós nos predispuermos a ajudar o nosso semelhante para o fazer um pouco mais feliz.

Que este primeiro de Dezembro seja o verdadeiro começo de uma etapa das nossas vidas, em que sejamos capazes de ter a coragem de ir ter com os outros que necessitam de nós e, não ficarmos à espera que eles se aproximem para lhes estendermos a mão. É aí que nasce o verdadeiro Natal em cada um de nós, ou seja, deixando que cada coração encontre o seu caminho no espírito do homem, na verdade do Natal.

Daniel Medina, “ Mais um natal”, in *Crónicas que a Vida conta: Pensem Nisso!*, Gráfica Mindelo Limitada, Janeiro 2011, pp. 78-79

De pequeno, dos pequenos que poderão ser grandes ...

Apetece-me começar pelo princípio, e embora o conceito de princípio possa estar imbuído de muitos significados. Queria mesmo era falar dos mais pequenos.

E, de entre, os pequenos gostaria de especificar mais um pouco e ir até aos que foram transformados em mais pequenos ainda, ou seja, os menos protegidos, ou seja, os mais carentes, ou melhor, os mais pobres do que nós, ou se quiserem aqueles a quem a vida não sorriu muito, ou então, aqueles que têm poucos motivos para sorrir para a vida.

Duas pequenas coisas concorrem para falar disso:

- 1) ainda adolescente tive a oportunidade de ler um dos romances de Jorge Amado esse pequeno-grande escritor brasileiro e que despertou o meu olhar para as crianças de rua num livro intitulado *Capitães de Areia*. Aprendi com ele a olhar com outros olhos para os mais necessitados e a compreender muitas das suas angústias, reservas, desconfianças e mesmo a parte de nos verem como os outros que têm os que eles não têm.
- 2) nasci num berço humilde que abriu desde cedo a minha percepção para as diferenças, ou seja, senti desde muito novo, que há aqueles que estão antes e há os que estão depois.

Ora, pelo caminho dos nossos dias, encontramos cada vez mais crianças que precisam da nossa ajuda. Um pedaço de pão, um olhar de compreensão - não de pena -, um gesto afectuoso, uma palavra de conforto e de esperança, senão de confiança. E, nesse caminho, pergunta-nos: “- Quem lhes liga?”

A propósito desta pergunta lembro-me de um poeta que ao escrever sobre crianças – abandonadas, de rua ou mesmo muito pobres – perguntava porque é que permitimos que as

crianças nos peçam algo. Ele questiona de tal forma as nossas atitudes, que chega a perguntar se não temos vergonha de nunca termos tido a coragem de sermos nós a tomar a iniciativa de ir ter com elas.

Neste mundo globalizado em que dependemos uns dos outros, mais coisa menos coisa, e em que países longínquos se prestam a ajudar-nos a levantar o nosso país, sem nos conhecer de lado nenhum, porque não havemos de começar também cá em casa?

Se todos ajudarem um pouco que seja, decerto haverá menos carências e mais auto-estima, menos revoltas e mais compreensão, menos agressividade e mais cooperação, menos furtos e mais confiança, menos e mais outras coisas.

É certo que há muitas pessoas conscientes do nosso papel nesta sociedade e que cumprem a sua parte. E algumas estão sós.

Se Cabo Verde está a desenvolver-se mesmo, penso que chegou a altura de avançar no desenvolvimento das nossas consciências e atitudes, no sentido de nos oferecermos para ajudar os que estão menos avançados, como os outros fizeram connosco quando éramos um país menos avançado. Ironia do destino.

Como a vida é uma bola, e vamos tropeçando uns nos outros, neste redondo em que nos encontramos sempre, fica aqui um convite, se quiserem uma reflexão:

- 1) vamos parar de criticar e ajudar um pouco mais?
- 2) vamos ajudar o colega aí ao lado a levantar-se sem o julgar ou condenar?
- 3) vamos acreditar que só estaremos bem quando os outros também o estiverem?
- 4) vamos tomar iniciativas no sentido da solucionática – como diz uma colega minha – e não problematizar – dizendo ... ah, isto é complicado?
- 5) Por último, vamos parar de resmungar e de dizer que o homem desta crónica não está bem da cabeça, e que não conhece a realidade?

Para terminar, vamos todos sorrir depois de eu me despedir, e dizer: este tipo tem razão. Eu sou mesmo capaz de poder fazer algo mais pelos meus semelhantes.

Da minha parte, afianço que não vou ter vergonha de me dirigir aos outros e demonstrar com humildade que quero colaborar, quero ajudar. Só terei vergonha se tiver vergonha de não ter tido coragem para ter coragem de ir em frente.

Cuidemos pois dos nossos pequenos, pois serão os homens desta terra, amanhã... e também o reflexo das decisões que tomarmos hoje.

Foi mesmo preciso coragem, para ouvir ou ler tudo isto. E se o tiveram, é porque conseguem fazer melhor do que isto. Garanto que terão um dia feliz e muitos outros poderão vir por aí ...

Daniel Medina, “ De pequeno, dos pequenos que podem ser grandes”, in *Crónicas que a Vida conta: Pensem Nisso!*, Gráfica Mindelo Limitada, Janeiro 2011, pp. 61-63

Em diálogo, pelo diálogo e com o diálogo

Pelo caminho dos séculos e até dos dias, muitos altos e baixos têm tido por base a falta de diálogo. E essas são estórias de barbas brancas e longas que nos levam a pensar que não temos aprendido muito neste percurso vivencial.

Com efeito, se analisarmos bem, as guerras entre nações têm na sua origem diferenças, e incompreensões, que não conseguiram ser resolvidas pelo diálogo.

Os conflitos tribais poderiam ser solucionados se os elementos de cada lado se tivessem entrado pela via da conversação.

Nos empregos, por vezes, as pessoas são despedidas sem uma segunda oportunidade, simplesmente, porque não houve troca de palavras, ou melhor, não comunicaram da melhor forma, ou seja, não houve concertação.

Nas escolas continua-se a ensinar a todas da mesma maneira sem se pensar nas desigualdades, nas diferenças, nas experiências e competências adquiridas de cada um, com saldos de insucesso relativamente alto porque o diálogo entre os pares não é valorizado.

No plano conjugal os relacionamentos não correm da melhor forma, ou se quiserem na sofrem melhorias porque falta o essencial: o diálogo.

Com os filhos há pouca conversa, não há esforço para verberarem os seus sentimentos, pensamentos, e passado algum tempo só existe distância, parecendo que não os conhecemos, porque o diálogo falhou.

O processo dialógico é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, relacional, laboral, produtivo, político, de tomada de decisões, de melhoramento de práticas, de comunicação e auscultação da opinião dos outros, para aferição do que andamos a fazer bem ou menos bem em relação aos outros.

A ausência ou a diminuição do diálogo em qualquer desses processos pode conduzir, a roturas sociais, a autismos desnecessários e a enclausuramentos nefasto para quem a pratica.

Infelizmente o ser humano tem tendência para se fechar e não para se abrir ao diálogo, em particular quando na situação permeiam mecanismos de poder ou contrapoder. De patrão para empregado, de marido para mulher, de professores para alunos e outros muitas escalas.

O diálogo fortalece e enobrece quem o estimula e o pratica. Ele apresenta-se como um bálsamo para o nosso próprio desenvolvimento, pois permite-nos descobrir o quanto, por vezes, estamos errados, acerca de algum aspeto, ou faz-nos ver que existem outros pontos de vista iguais, diferentes ou melhores do que os nossos.

O diálogo ensino-nos também a apreciar as opiniões dos demais e aprender a aceitar que os contributos dos outros podem ser valiosos e relevantes tanto para o nosso sucesso pessoal, tanto para a nossa estabilidade emocional, como também para a eliminação de mal entendidos impeditivos da resolução de conflitos.

É caso para se confirmar que diálogo nos permite desfazer equívocos, fortalecer amizades, resolver conflitos, aprender mais e melhores sobre os fenómenos sociais que nos circundam, conhecer os pensamentos dos outros e dar-nos igualmente a conhecer.

Essa forma de comunicação bilateral é tão salutar que os conflitos entre casais, entre nações, pais e filhos, políticos, meios laborais e entre amigos e pessoas comuns, que muitos problemas poderiam ser de fácil resolução, se conversássemos mais e ouvíssemos mais os outros.

No dia em que isso for possível – e você pode começar hoje mesmo – resolverá muitos dos seus problemas; contribuirá para um país mais dialogante; será um melhor carpinteiro, pedreiro, canalizador, enfermeiro, empresário, ou vendedor porque se deu ao luxo de se abrir aos outros; terá melhores relações em casa no trabalho; os seus filhos apreciá-lo-ão mais porque teve a capacidade de pelo menos os escutar mesmo não concordando com eles.

Desempenhamos melhor as nossas funções se cada um de nós for capaz de dialogar com os outros de forma inteligente e responsável, sem manipulações, valorizando a opinião dos outros, explicando e comunicando as decisões que pretendemos tomar.

Quando as dúvidas povoam as nossas mentes; quando não temos a certeza de que estamos no bom caminho e mesmo quando nos parecer estarmos no caminho certo; quando estamos ao serviço de organizações, instituições, associações, comunidades; quando trabalhamos com pessoas;...o aconselhável é a prática do diálogo mesmo quando as opiniões são aparentemente divergentes.

É através do diálogo que ficamos muitas vezes mais e melhor esclarecidos.

- se houvesse mais diálogo, talvez não tivesse havido tantas guerras no mundo:

- se houvesse mais diálogo, haveria menos inimizades, interpretações erróneas e incompreensões;

- se houvesse mais diálogo, haveria menos decisões erradas e aprenderíamos muito mais com os outros;

- se houvesse um pouco mais de diálogo, talvez houvesse menos injustiças, menos divórcios, mais sentido de responsabilidade e de cidadania.

Enfim, parece que *Diálogo precisa-se* um pouco mais em quase todos os sectores da nossa sociedade.

Daniel Medina, “ Em diálogo, pelo diálogo e com o diálogo”, in *Crónicas que a Vida conta: Pensem Nisso!*, Gráfica Mindelo Limitada, Janeiro 2011, pp. 91 -93

O Dia Da Terceira Idade

Na semana passada, assinalou-se o dia da terceira

Idade. A rádio fez um trabalho meritório. Uma abordagem construtiva. Um olhar valorativo. Parabéns.

A reportagem serviu para nos lembrar de forma indireta que esse dia – o dos menos novos - deveria ser alargado por todo o ano. Não nos esqueçamos que foram eles – que bem ou menos bem – plantaram ou construíram quase tudo o que há por aí.

Ora a compreensão do envelhecimento transformaram a velhice num momento feliz ou verdadeiro naufrágio. O desafio do século XXI não será dar tempo ao tempo, mas dar qualidade ao tempo. A velhice bem sucedida está associada à reunião de três grandes categorias de condições. A primeira é a reduzida probabilidade de doenças, em especial as que causam perdas de autonomia. A segunda consiste na manutenção de um elevado nível funcional nos planos cognitivo e físico, o que por vezes se denomina por “velhice ótima.” A terceira é a conservação de um empenhamento social e do bem-estar subjetivo.

No que se refere a esta última, entende-se como fundamental à participação social, isto porque, dá-se a manutenção e é uma prática das atividades produtivas. Segundo afirma Cameron (1975), os sentimentos de felicidade, de tristeza e bem estar subjetivo não se degradam com a idade e os idosos não têm uma satisfação de viver inferior à dos jovens.

A variabilidade entre os indivíduos parece, pelo contrário, aumentar com o envelhecimento. Vários estudos, nomeadamente aos que se referem ao de Durkheim (1897), Antonuci (1989), e Avron (1982), concluíram que o isolamento é sim, um fator de risco para a saúde; os apoios sociais de natureza emocional ou instrumental podem ter efeitos positivos na saúde.

A solidão e o isolamento são fenómenos muitos frequentes quando chegamos a idosos, podendo ser considerados como o mau funcionamento das relações sociais, quer da

família quer do grupo de amigos no qual o idoso se insere. Este sentimento de solidão surge como a falta de uma relação necessária e não propriamente devido ao fato de se estar só.

Ora, um dos pontos fortes das pessoas da terceira idade no qual se deve pensar é a sua participação social, precisamente entre a relação com o tempo ligado à sabedoria que é própria da maturidade serena. É portanto fundamental que os idosos sem empenhem numa qualquer atividade social produtiva para que não se sintam inúteis.

Num mundo que perdeu os seus modelos de socialização e de comportamento, outrora considerados estáveis e seguros, a vida passou a ser encarada como uma luta constante pelo emprego, pelo êxito pessoal e profissional, pelas condições de bem estar da família, pela atualização permanente em termos de informação e pela posse de bens de consumo, considerados imprescindíveis à manutenção de certos padrões de vida. E tudo isto, sem perder a energia, a saúde e a beleza, de acordo com o ideal de juventude requerida por uma sociedade ferozmente competitiva e narcisista.

As extraordinárias oportunidades de desenvolvimento abertas pelas novas tecnologias de nada servirão se não sacrificarmos da lição pela mão, pelo olhar, pelo gosto, pelo afeto e pela palavra de quem pode, pessoalmente, dar testemunho de uma vida, de uma experiência e de um conhecimento.

Acreditamos que o verdadeiro sentido da vida está muito para lá do prazer proporcionado pelas coisas do mundo. O amor à vida ganha sentido através dos encontros e dos laços que nos aproximam de outras pessoas. O mundo não é apenas a nossa casa. Nele habitaram, habitam e continuam a habitar (pelo menos assim o desejamos) outras vidas. E é na experiência de relação, de encontro, de solidariedade e de responsabilidade em relação a essas outras vidas que vai construindo a nossa identidade humana.

Na vida é necessário aprender, educar, porém, antes de mais é uma arte de encontro e comunicação destinada a provocar junto de outros, relações positivas com a vida. Ou seja, relações positivas com as pessoas, com a história, com os espaços, com a leitura, com as regras da sociedade, etc. Seja na infância, na adolescência ou na idade adulta, seja em contexto escolar ou extra-escolar, só se educa verdadeiramente quando tocamos o outro, quando sentimos as emoções do outro, ao ponto de conseguirmos despertar nele a vontade

de aprender, dispendo-nos a percorrer o caminho do esforço, da disciplina, da paciência, da serenidade exigidos pela aventura do conhecimento.

Os idosos precisam, e merecem, um olhar e uma outra atitude por parte da sociedade, mas uma sociedade mais justa, mais solidária e mais humanista que precisam também dos idosos, da sua participação empenhada, da sua lição de vida e do testemunho da sua serena e sábia maturidade.

E por vezes, só pedem um pouco de atenção. Ou então, que não nos esqueçamos deles. Ou que deixemos participar das coisas do dia a dia. Um pouco de afeto, consideração, respeito e de humanidade, um pouco de compreensão da nossa parte ajudariam a equilibrar essas relações.

Ajudemos e permitamos que vivam na alegria tudo a que têm direito. Dançar, cantar, amar, trabalhar.

Daniel Medina, “O Dia da Terceira Idade”, in *Crónicas que a Vida conta: Pensem Nisso!*, Gráfica Mindelo Limitada, Janeiro 2011, pp. 61-63